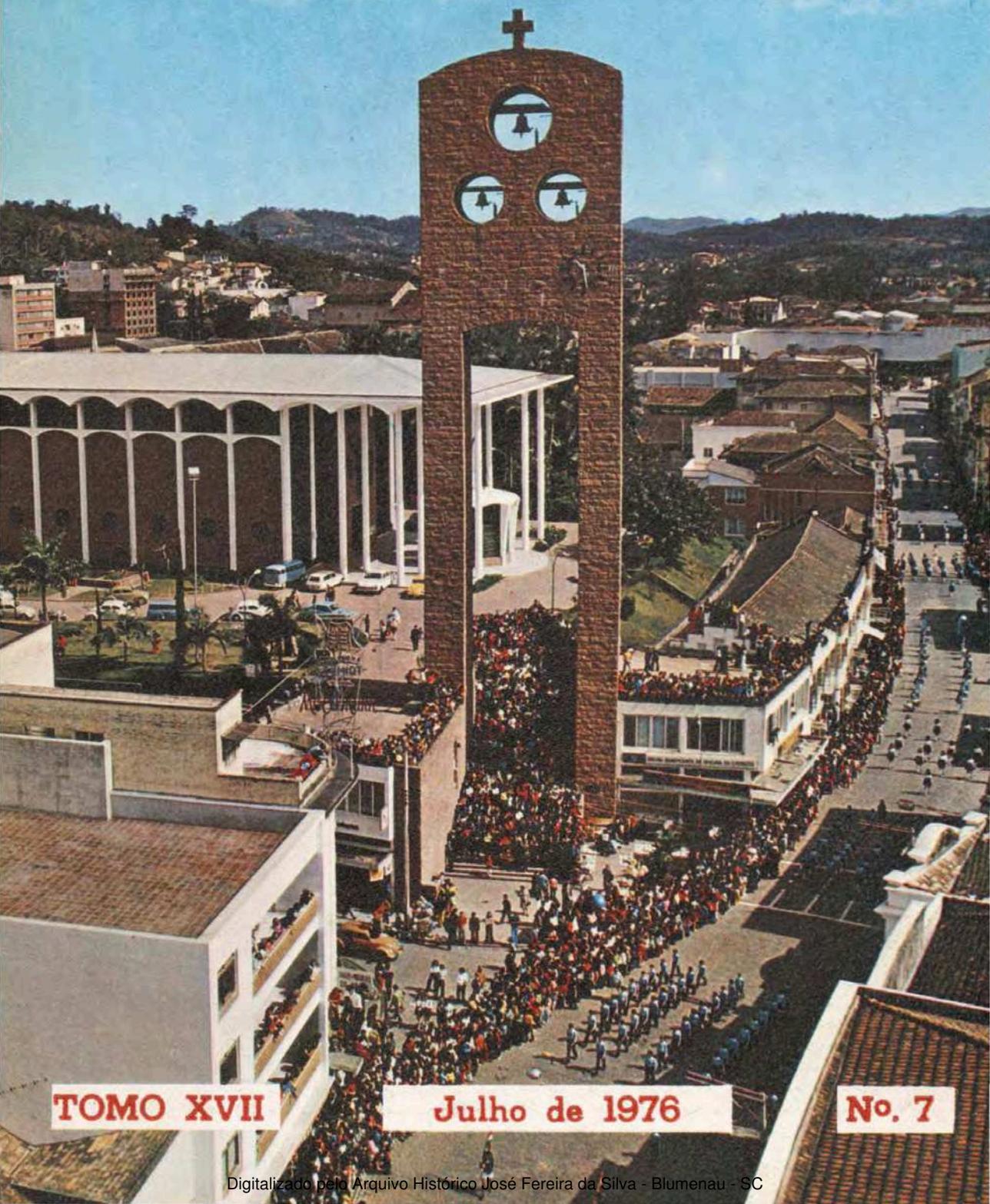


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Julho de 1976

No. 7

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau

Bluménau

em Ladernos

TOMO XVII

JULHO DE 1976

Nº. 7

PEQUENA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU — 1850-1883

Dr. Paulo Malta Ferraz

(Continuação do número anterior)

Além dessas formas de recreação em sociedades, os colonos transplantaram para o meio blumenauense interessantes hábitos de sociabilidade desconhecidos ou pouco praticados no Brasil.

O “Hochzeitsbitter”, por exemplo, é um desses costumes desconhecidos no Brasil. Poder-se-á traduzir o vocábulo “Hochzeitsbitter” por “pessoa que faz convite para casamento”. Às vésperas de um casamento, uma pessoa amiga dos noivos ou de seus pais, é encarregada de fazer os convites aos amigos e conhecidos dos nubentes para assistirem as bodas. Em regra, o “Hochzeitsbitter” desincumbe-se de sua missão, viajando a cavalo. Chegando à porta de um dos convidados, o “Hochzeitsbitter”, antes de entrar, faz em versos uma saudação laudatória ao dono da casa e formula o convite para o casamento. Esse costume não foi muito praticado na sede da Colônia, mas até bem pouco tempo era usado pela população das zonas rurais do município, como Massaranduba e Rio do Teste.

Outros costumes referentes às festas de casamento, hoje ainda cultivados em todas as classes sociais de Blumenau, são a “Hochzeitszeitung”, o “Polterabend” e o “Katerfrühstück”.

A “Hochzeitszeitung”, que se pode traduzir por “jornal de casamento”, é uma publicação impressa, em forma de jornal, relativa a um determinado matrimônio. Interessante é que a “Hochzeitszeitung” só traz colaboração dos íntimos dos noivos e todas em tom facetado. Não lhe faltam, jamais, o artigo de fundo, anunciando o casamento e felicitando os noivos, os versos jocosos, os versos dedicados às núpcias e adaptados às canções mais em voga, afim de serem cantados pelos convidados após o jantar, os anúncios gaiatos e, por vezes, algumas veladas denúncias de atividades amorosas do noivo, antes de conhecer a nubente. O jornal circula apenas no dia do casamento, sendo entregue aos convidados durante o jantar.

O “Polterabend”, que literalmente significa “noite de barulho”, consiste no fato de, à noite da véspera do casamento, as pessoas íntimas da noiva irem visitá-la e ali, em meio aos efusivos e ruidosos cumprimentos pelo próximo enlace, quebrarem propositadamente algumas peças de louça. A origem desse popular costume está expressa no velho provérbio alemão: “Scherben bringen Glück”, que significa, em língua vernácula, “cacos (de louça ou de vidro) trazem felicidade”. O “Polterabend”, além de ser agradável antecipação das festas de casamento, tem o valor de um bom augúrio para a vida do novo casal.

O “Katerfrühstück”, cuja tradução literal seria “almoço de gato”, mas significa “almoço da ressaca”, é o almoço do dia seguinte ao do casamento, com o aproveitamento dos restos do banquete. Os noivos, em geral, não comparecem ao “Katerfrühstück”, que conta apenas com a presença das pessoas da família ou mais íntimos dos nubentes.

Costume que foi muito praticado na época colonial e ainda persiste em Blumenau, é o “Skatabend”, isto é “noite de Skat”, que é um jogo de baralho muito difundido na Alemanha. É costume exclusivo dos homens, que, em grupos de amigos íntimos, reservam uma noite para o jogo em apreço. Claro está que o “Skat” é pretexto para longas palestras, animadas, em regra, por copázio de loura cerveja ou de deliciosa “Bowler”. Para contrabalançar o “Skatabend”, que, como se disse, é exclusivo dos homens, as senhoras têm o seu “Kränzchen”. O “Kränzchen” é constituído por um grupo de amigas íntimas que se reúnem, semanalmente, cada vez em casa de uma das componentes do grupo. Só excepcionalmente, ocorrem duas

reuniões seguidas do "Kränzchen" na casa da mesma anfitriã. Esta oferece às companheiras, tortas, chá, chocolate, café, etc. As senhoras levam para o "Kränzchen" os seus trabalhos de tricô ou bordado e ali, enquanto merendam, palestram animadamente, e sobretudo comentam, com aquela impiedosa malícia que só as mulheres possuem, as novidades locais.

- x - x - x -

Por este ligeiro relato de como se processou a colonização de Blumenau, bem se pode avaliar quantos trabalhos, esforços e sacrifícios fizeram os abnegados pioneiros da colonização deste pedaço sagrado da terra brasileira. Ao trabalho e aos sacrifícios dos colonos alemães e seus descendentes, juntaram-se, empós, a colaboração valiosa do elemento nacional e a contribuição inestimável de colonos austríacos, italianos, poloneses e russos. Foi desse amálgama de infatigáveis e destemidos trabalhadores oriundos das mais diversas etnias, mas unidos pelo mesmo ideal de engrandecimento da terra comum, que surgiu, próspero e feliz, o Município de Blumenau — padrão de orgulho e de glória da terra catarinense e do Brasil!

NOTAS E CITAÇÕES

- (1) — Hans Gehse — "Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart" — Münster — 1931 — apud Emilio Willems — "Assimilação e populações meridionais do Brasil" — Com. Editora Nacional — São Paulo — 1940 — Coleção Brasileira — vol. 186 — série 5ª, pag. 43.
- (2) — J. Ferreira da Silva — "O Doutor Blumenau" — Livraria Fernandes & Irmão — Rio — 1933 — pag. 15.
- (3) — J. Ferreira da Silva — ob. citada, pag. 16.
- (4) — Informação constante de um documento anônimo, escrito em alemão, referente à vinda de Dr. Hermann Blumenau, existente no Arquivo da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (5) — Documento anônimo retro-citado.
- (6) — Ferreira da Silva — obra citada, pag. 20.
- (7) — Cristina Blumenau — "Um colonizador alemão no Brasil" — Artigo publicado no livro "Auswanderer" de Hermann von Freedon e Georg Smolka — Tradução de José Ferreira da Silva.
- (8) — Documento impresso por deliberação da Assembléia Provincial de Santa Catarina, em sessão de 2 de maio de 1848, existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (9) — Idem, pag. 2.
- (10) — Idem, pag. 2.
- (11) — Idem, pag. 5.
- (12) — Idem, pag. 9.

- (13) — Ferreira da Silva — ob. citada pag. 43.
- (14) — Cópia manuscrita da petição que o Dr. Blumenau dirigiu ao Ministério Imperial do Brasil em julho de 1848, existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (15) — Informação fidedigna do escritor Dr. Carlos Fouquet.
- (16) — J. Ferreira da Silva — ob. cit. pag. 45.
- (17) — Dr. Hermann Blumenau — “Suedbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation” — Rudolstadt — 1850 — Cópia datilográfica de um capítulo desta obra, existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (18) — Dr. Hermann Blumenau — ob. cit. idem.
- (19) — J. Ferreira da Silva — ob. cit. pag. 55.
- (20) — Robert Gernhardt — “Dona Francisca, Hansa und Blumenau” — Drei deutsche Mustersiedlungen im suedbrasilianischen Staat Santa Catarina — Breslau — Schlesische Verlagsanstalt V. S. Schottläender — 1901 — pag. 334.
- (21) — Ferreira da Silva — ob. cit. 59.
- (22) — Carta do Dr. Blumenau a um amigo, datada de 11.1.1854, apud Ferreira da Silva, ob. cit.
- (23) — José Deeke — “Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte” — São Leopoldo — 1917 — capítulo VI.
- (24) — Relatório da Colônia Blumenau, ano 1852 — Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (25) — Relatório citado, de 1852.
- (26) — Hermann Blumenau — “Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Sued-Brasilien” — Rudolstadt — 1856 — capítulo 1º — Cópia do Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau. Ao contrário do que informam os ilustres historiadores José Deeke e J. Ferreira da Silva, o dr. Blumenau afirma que foram doze os lotes distribuídos no dia 28.8.1852.
- (27) — Informação de August Müller, publicada no “Blumenauer Zeitung”, nº 15, de 15 de abril de 1899, apud José Deeke, ob. cit. capítulo V.
- (28) — Relatório sobre a colônia Blumenau, datado de Desterro, 18 de janeiro de 1853, no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (29) — Relatório citado, de 1853.
- (30) — “ ” ” 1853.
- (31) — “ ” ” 1853.
- (31) — Informes extraídos do Relatório da Colônia Blumenau, datado de Blumenau, 4.1.1853 — in Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (32) — Relatório citado, de 1853, datado de Blumenau 4.1.1853.
- (33) — Fritz Müller — “Werke, Briefe und Leben” — Gesammelt und herausgegeben von Dr. Alfred Moeller (Dritter Band, Fritz Müllers Leben) Jena, Verlag von Gustav Fischer — 1920 — pag. 52.
- (34) — Carta citada do Dr. Hermann Blumenau, datada de 11.1.1854 — apud J. Ferreira da Silva — ob. cit. pags. 68/69.
- (35) — Carta do Dr. Blumenau, citada apud Ferreira da Silva, ob. cit. pag. 71.

- (36) — Hermann Blumenau — “Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Sued-Brasilien” ob. cit. capítulo V — capítulos datilografados existentes no Arquivo da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (37) — (38) — (39) e (40) — Hermann Blumenau “Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Sued-Brasilien” — ob. cit.
- (41) — Rodolfo Hollenweger — “Manual oferecido pela Câmara Municipal aos alunos das escolas primárias do Município - Blumenau — 1930 — pag. 103.
- (42) — Rodolfo Hollenweger — ob. cit. pag. 104.
- (43) — Robert Gernhardt — ob. cit. pag. 294.
- (44) — Robert Gernhardt — ob. cit. pag. 295.
- (45) — Relatório sobre a Colônia Blumenau, ano de 1858 — Em Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (46) — José Deeke — ob. cit. capítulo VI.
- (47) — José Deeke — ob. cit. capítulo VII.
- (48) — Dr. Hermann Blumenau “Deutsche Kolonie Blumenau” — ob. cit. capítulo 1^o.
- (49) — Fritz Müller — ob. cit. vol. III, pag. 54.
- (50) — Fritz Müller — ob. cit. vol. III, pag. 55.
- (51) — “Contos de um Velho Colono Blumenauense” — in “Der Volksbote” para o ano de 1903, apud José Deeke — ob. citada, capítulo VI.
- (52) — Ver a publicação citada “Contos de um Velho Colono Blumenauense”, apud. José Deeke e a ob. citada de Fritz Müller, pag. 57.
- (53) — “Contos de um Velho Colono Blumenauense” — apud José Deeke ob. cit. capítulo VI.
- (54) — Veja-se a “Festschrift zum 75 jährigen Jubiläum der Schützengesellschaft Blumenau”, Santa Catarina — Brasilien — editado por G. Arthur Koehler — Blumenau — 1934.
- (55) — Ver o trabalho citado “Contos de um Velho Colono Blumenauense” apud José Deeke, ob. cit. capítulo VI.
- (56) — “Contos de um Velho Colono Blumenauense”, apud José Deeke ob. cit. capítulo VI.
- (57) — “Instruções por que se tem de reger a Colônia Blumenau” documento existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (58) — Dr. Carlos Fouquet — “Vida e Obra do Dr. Blumenau” — in “Livro Comemorativo do 1^o Centenário de Blumenau — 1850 — 2 de setembro — 1950”, edição da Comissão de Festejos — 1950 — pag. 95.
- (59) — “Instruções por que se tem de reger a Colônia Blumenau” documento citado.
- (60) — Notas anexas ao documento intitulado “Prestações de contas e diversas informações”, datado de Agosto de 1858, existente no Arq. Hist. da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (61) — v. no “Quadro Estatístico do ano de 1862” a referência à população no ano anterior. Doc. existente no Arq. Hist. da Pref. Municipal de Blumenau.

- (62) — “Quadro estatístico do ano de 1862” in Arq. Hist. da Pref. Municipal de Blumenau.
- (63) — (64) — “Relatório do ano de 1862” — in Arq. Hist. da Pref. Municipal de Blumenau.
- (65) — “Quadro estatístico do ano de 1863” — in Arq. Hist. da Pref. Municipal de Blumenau.
- (66) — José Ferreira da Silva — “HISTÓRIA DE BLUMENAU” edição da Tipografia Blumenauense — 1950 — Blumenau.
- (67) — Dados extraídos da “Inscrição histórica da pedra fundamental da Igreja Evangélica de Blumenau”, publicada em almanaque s/d.
- (68) — “Mapa estatístico do ano de 1864” — in Arq. Hist. da Pref. Municipal de Blumenau.
- (69) — “Relatório geral sobre o ano de 1864” — in Arq. Hist. da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (70) — Veja-se, a propósito, a citada “Inscrição histórica da pedra fundamental da Igreja Evangélica de Blumenau”.
- (71) — “Relatório do ano de 1860” — Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (72) — Frei Estanislau Schaette O. F. M. — “Vida Católica em Blumenau” — in “Livro do Centenário de Blumenau”, cit. pag. 261.
- (73) — “Diário da Colônia Blumenau, de 1864 a 1882”, Arq. Hist. da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (74) — “Lista dos Voluntários da Pátria, da Colônia Blumenau”, existentes no Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (75) e (76) — “Relatório geral sobre o ano de 1866” — Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (77) — “Estatutos da Sociedade Internacional de Imigração da Colônia Blumenau” — manuscrito existente no Arq. Hist. de Blumenau.
- (78) — “Diário da Colônia Blumenau, de 1864 a 1882”, citado.
- (79) — “Relatório geral sobre o ano de 1867”, existente no Arq. Hist. de Blumenau.
- (80) — “Diário da Colônia, citado.
- (81) — “Relatório geral sobre o ano de 1867”, citado.
- (82) — Documento existente no Arquivo Histórico, intitulado “IMIGRAÇÃO 1868”.
- (83) — “Kolonie Zeitung”, n. de 16/3/1868 — Arq. Hist. de Blumenau.
- (84) — “Diário da Colônia, de 1864 a 1882” e “Quadro estatístico do ano de 1868” — Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (85) — “Relatório” datado de Janeiro de 1870 — Arq. Hist. de Blumenau.
- (86) — “Relatório de 1870” — Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (87) — Nanny Poethig — “A Sociedade Teatral Frohsinn”, artigo in “Livro do Centenário de Blumenau”, cit., pag. 346.
- (88) — “Diário da Colônia, de 1864 a 1882” — citado.
- (89) — “Diário da Colônia, de 1864 a 1882”, citado.
- (90) — Frei Estanislau Schaette O. F. M. — trabalho citado in “Livro do Centenário de Blumenau”, cit., pag 262.
- (91) — “Mapa estatístico em fins de Junho de 1873” — Arq. Hist. de Blumenau.

- (92) — “Mapa estatístico do ano de 1873” — Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (93) — “Mapa estatístico em fins de Junho de 1873”, citado.
- (94) — (95) — (96) — (97) — (98) — (99) e (100) — “Relatório Geral sobre o ano de 1874” — Arq. Municipal de Blumenau.
- (101) — “Diário da Colônia”, citado.
- (102) — (103) — “A Regeneração”, n. 4 de Agosto de 1875, exemplar existente no Arq. Hist. da Pref. Mun. de Blumenau.
- (104) e (105) — “Relatório sobre o ano de 1876” — Arq. Hist. de Blumenau.
- (106) — Frei Estanislau Schaeffe O.F.M. — trabalho citado *in* “Livro do Centenário de Blumenau”, cit., pag. 263.
- (107) — (108) — (109) e (110) — “Relatório sobre o ano de 1877” — Arq. Hist. de Blumenau.
- (111) — “Relatório sobre o ano de 1876” — Arq. Hist. de Blumenau.
- (112) — “Diário da Colônia”, citado.
- (113) — Dados extraídos do “Relatório sobre o ano de 1879” — Arq. Hist. de Blumenau.
- (114) — Aiga Deeke Barreto — “Enchentes no Vale do Itajai”, artigo *in* “Livro do Centenário de Blumenau”, cit., pag. 127.
- (115) — Ferreira da Silva — “História de Blumenau”, ob. citada.
- (116) — José Deeke — ob. citada.
- (117) — Dados estatísticos colhidos na “História de Blumenau”, de Ferreira da Silva, citada.
- (118) — José Deeke — ob. citada.
- (119) — Hermann Blumenau — “Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Sued-Brasilien”, ob. citada.
- (120) — Carta de D. Pedro II ao Visconde de Taunay, datada de Cannes, 21 de Março de 1890 — *in* “D. Pedro II”, da autoria do Visconde Alfredo D’Escarnolle Taunay — Cia. Editora Nacional — 1938 — 2ª edição — coleção brasileira — vol. 18 — pag. 228.
- (121) — Informação constante de documento existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau, denominado “Situação Financeira da Colônia de Blumenau — Receita da Diretoria da Colônia na época de 1860 até 1882”.
- (122) — “Contas dos Diversos” — documento existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Blumenau.
- (123) — “Relatório de 1857”, citado.
- (124) — “Diário da Colônia, de 1864 a 1882”, citado.
- (125) — Ferreira da Silva, “História de Blumenau”, ob. cit.
- (126) — Visconde Alfredo D’Escarnolle Taunay, ob. citada, pag. 64.
- (127) — A “Sociedade Teatral “Frohsinn”, posteriormente fundiu-se com outras associações recreativas para formar a Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.
- (128) — Nanny Poethig — trabalho citado *in* “Livro do Centenário de Blumenau”, cit., pag. 346.
- (129) — Ver os “Contos de um Velho Colono Blumenauense”, *apud* José Deeke, ob. citada.

A Propósito de uma Carta sobre a Fundação de Blumenau

Jean R. Rul

O sr. Edison d'Avila, em o número de maio deste ano, refere-se ao jornal itajaiense "Progresso", cuja edição n° 34, de 25 de agosto de 1900, fornece a relação dos 17 primeiros habitantes de Blumenau. Estes 17 nomes estariam em desacordo com aqueles mencionados pelo Prof. Ferreira da Silva em sua História de Blumenau. O jornal "Progresso" colheu a informação do sr. Guilherme Asseburg que a recebeu do sr. Paulo Kellner "único" sobrevivente, então, dos primeiros habitantes.

A divergência está no fato que P. Kellner não fala de Francisco Sallenthien nem de André Boettscher, porém cita um filho homem de André Kohlmann e um de Frederico Riemer, que Ferreira da Silva não menciona.

Bastante curiosa, realmente, a informação do sr. d'Avila. Curiosa, porque, no livro do Centenário, tanto o Prof. Ferreira, quanto o sr. Carl Wahle, ao relacionar os 17 pioneiros, referem-se direta ou indiretamente à mesma carta de Paulo Kellner.

Eis o que o Prof. Ferreira escreveu (p. 7): "Anos mais tarde, por ocasião das comemorações do cinquentenário de tão importante evento, um destes primeiros imigrantes escreveu num jornal local (?)". Segue a narração de Paulo Kellner com a lista dos 17 imigrantes, porém completada com as idades, profissões e lugares de origem, além de conter os prenomes das crianças. A lista é aquela que o Prof. Ferreira reproduziu na sua História de Blumenau.

O sr. Carl Wahle escreveu o seguinte (p. 129): "Sobre esta data existe uma carta que um dos imigrantes, Paul Kellner, dirigiu, em 1900, ao sr. Cônsul Asseburg, em Itajai e cuja tradução apresentamos a seguir": Outra vez a mesma narração com os 17 mesmos nomes citados pelo Prof. Ferreira. Porém, mais adiante, o sr. Kellner acrescenta: "no Brasil sou ainda a única pessoa a narrar estes acontecimentos. Como ouvi, Sallenthien ainda vive, mas muito doente. Friedenreich perdeu a memória...."

Portanto, além de não citar os 2 filhos, a relação de P. Kellner inclui Sallenthien e Boettscher e além disto confirma Sallenthien como um dos 17 pois diz que não poderia escrever sobre os acontecimentos por estar doente.

O sr. d'Avila transcreve o texto do jornal "Progresso" e não pode haver dúvida portanto quanto à exatidão da relação. E o Prof. Ferreira baseou-se no mesmo jornal para narrar a chegada porém fornece relação diferente.

Ao nosso ver, só pode haver uma única explicação: o sr. Kellner enganou-se ao fornecer a relação. O Prof. Ferreira percebeu o engano, pois devia possuir no arquivo uma relação estabelecida na época pelo Dr. Blumenau, a qual era evidentemente mais digna de fé de que a outra, feita de memória por um homem de 73 anos, relatando acontecimentos de 50 anos antes. Assim é provável que o Prof. Ferreira da Silva e também o sr. Wahle, aproveitaram o texto da carta do sr. Kellner, porém retificaram e completaram a lista dos nomes, para evitar futuras confusões.

O assunto continua aberto, pois demos apenas nossa opinião. De qualquer maneira foi muito oportuna a observação do sr. d'Avila, pois ela permite que seja registrada a divergência encontrada assim como uma explicação plausível para a mesma, salvo melhor juízo.



O Primeiro Historiador de Santa Catarina

por WALTER F. PIAZZA

A primeira história da então Capitania, depois Província e, hoje Estado de Santa Catarina, tem por título *Memória política sobre a Capitania de S. Catharina, escripta no Rio de Janeiro em o anno de 1816*.

A sua primeira edição, impressa em Lisboa, “na Typographia da mesma Academia”, no ano de 1829, leva-nos à leitura dos títulos que exernam o seu Autor, *Paulo José Miguel de Brito*: “Ajudante de Ordens, que foi, do Governo da mesma Capitania, Governador e Capitão General de Moçambique, e Correspondente da Academia Real das Sciencias”.

A nossa curiosidade acerca desse Autor, português de nascimento, levou-nos a percorrer vários caminhos e a perquirir várias fontes.

Assim, após compulsar documentos brasileiros, que, pouco ou nada acrescentaram ao conhecimento daquela figura, temos, em mão, alguns documentos portugueses, que, se não trazem muitas luzes sobre o Autor, como personalidade, demonstram como foi admitido na Academia de Ciências e tratam — o mais importante para nós — do juízo crítico sobre a *Memória política* e da sua impressão, pelo Venerável Sodalício Português. (1)

Dada a sua relevância nos estudos historiográficos catarinenses, transcrever-se-ão tais documentos, a seguir.

O primeiro parecer sobre a obra de Paulo José Miguel de Brito, está vasado nestes termos:

“ Illmo. e Exmo. Senhor

Tenho examinado o MS. intitulado — Memoria politica sobre a Capitania de Sta. Catharina escripta no Rio de Janeiro em 1816 por Paulo José Miguel de Brito — e recentemente offerecida a esta R. Academia; e a considero mui digna de louvor pela vastidão de conhecimentos praticos ou o A. tenha de toda esta Capitania, e hum infatigavel zelo do Bem publico; offerecendo assim ao Governo desta importante Capitania observações assaz dignas de aproveitar-se.

Acompanha esta mesma Memoria huma Carta Geografica particular da Capitania, sobre cujo merecimento intrinseco se bem q. não possa ajuizar competentemente reconheço todavia e admiro o zelo do A. e creio merecer esta Carta muita contemplação, ainda que não seja, senão, por ser esta a primeira Carta particular desta Capitania que apparece.

(1) — Deve-se as cópias xerográficas ao Exmo. Sr. Inspetor da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Dr. Joaquim Veríssimo Serrão, que no-las enviou a 21.01.1976: são dois pareceres sobre a *Memória política* e duas cartas de Paulo José Miguel de Brito dirigidas a José Maria Dantas Pereira, Secretário da Academia.

Tudo quanto o A. offerece faz-se mais recomendavel pela boa ordem e classificação com que he disposto, e não menos pela exatidão e pureza de linguagem. Por tudo isto me parece este opusculo sumamente digno de se imprimir á custa desta R. Academia, e seu A. de ser admittido ao numero dos socios Della.

V. Exa. e o sabio Conselho melhor decidirão.

Deos guarde a V. Exa. Lxa. 11 de Outubro de 1827.

Illmo. e Exmo. Sr. José Maria Dantas Pereira

(ass.) *Dr. Matheus da Assumpção Brandão*"

À margem do documento transcrito se lê: "Lido na Sessão de 1 de Novembro de 1827".

Um outro parecer foi lido, ainda, na mesma sessão, estando, assim, exarado:

"Examinei a Memoria Politica sobre a Capitania de S. Catharina, escripta no Rio de Janeiro em o anno de 1816 por Paulo José Miguel de Brito, e juntamente seu Appendice, e planos adjunctos, que tudo foi comettido á minha censura por ordem da Academia Real das Sciencias, e tenho a satisfação de informar, que he uma das obras nacionaes de maior merecimento que tenho lido sobre semelhantes assumptos, tanto pela importancia das suas materias, como pelo seu bom desenvolvimento com muita intelligencia, methodo e clareza.

Sendo este o juizo, que eu faço da Obra, escusado era dizer que considero o seu A. muito digno de que a Real Academia o receba no seu gremio na classe de correspondente. Muito digna considero tambem a mesma obra de se imprimir por conta da Academia, e he pena que se não publicasse antes que o Brasil se tivesse separado de Portugal. Convirá porem que se conserve a declaração que se acha no frontespicio, do anno em que foi escripta: e poderia convidar-se o A. para lhe fazer alguns retoques, que elle mesmo julgar que convem á nova ordem politica, que resultou da indicada separação; sem que com isso se retarde o determinar-se a impressão.

Este he o meu parecer, a Real Academia porem resolverá o mais acertado. Quinta do Bacalhao 30 de Outubro de 1827.

(ass.) *José Accursio das Neves*"

Visto os dois pareceres, exaltadores da Obra e, também, do seu Autor, de modo a indicá-lo para compor o quadro dos Sócios Correspondentes da Real Academia das Ciências de Lisboa.

A documentação, a seguir reproduzida, são cartas de Paulo José Miguel de Brito dirigidas ao Secretário da Academia, José Maria

Dantas Pereira, personalidade das mais marcantes nos meios literários e científicos portugueses, de sua época. (2)

A primeira carta, do próprio punho de Paulo José Miguel de Brito, datada de Santarém, a 30 de julho de 1828, tem os seguintes dizeres:

“Illmo. e Exmo. Snr. José Maria Dantas Pereira

Muito me honra V. Exia. na sua carta de 22 de Julho, cuja recepção accuso, no que V. Exia. me dá mais uma prova da sua benignidade, e da sua consideração para commigo, ao que tudo me manifesto agradecido.

Aqui recebi algumas folhas da Introducção do original da minha obra, e duas das provas da impressão, que não sei quem as remetteo, e por isso tambem não sei a quem devo dirigi-las com a minha resposta: este estado de ignorancia em que estou a tal respeito, me obriga a envia-las a V. Exia., para que V. Exia. se digne dar-lhe a direcção conveniente esperando eu que ellas sejam entregues a V. Exia. ou pelo portador a quem as entreguei aqui, ou alias por mão do Illmo. Sr. Annes, da Impressão Regia.

Pouco tempo tive (e terei) para examinar, as indicadas provas, mais achando nellas algumas alterações; mormente no que diz respeito á orthographia, eu as approvo huma vez que foi V. Exia. quem as fez: assim como approvarei tudo o mais que V. Exia. quizer alterar, ou corrigir; e portanto seria desnecessario vir a Santarem qualquer outra prova, por que em tudo, e por tudo me conformo com o que V. Exia. fizer; já que por bondade sua quiz fazer-me o favor de se encarregar deste trabalho.

Em outra occasião direi a V. Exia. mais alguma coiza relativamente os Mapas, e gravura dos Planos, o que agora não posso fazer.

Acredite V. Exia., que me prezo de mostrar que com a maior consideração e respeito

De V. Exia.

Atto. S. e fiel Co.

(ass.) *Paulo José Miguel de Brito*”

(2) — JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA, natural do Alenquer, onde nasceu a 1º de outubro de 1772, destacou-se no campo científico e na política portuguesa. Em 1792 era sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, sendo, depois, elevado a sócio efetivo. Desempenhou várias comissões para a Academia. Em 1823 foi eleito Secretário da Academia, cargo que desempenhou até 1833. Deva-se notar, entretanto, que no confronto entre “miguelistas” e “constitucionalistas”, pela Coroa Portuguesa, ficou ao lado dos primeiros, de modo que teve de emigrar, em 1834, para a Inglaterra e, em seguida, para a França, onde morreu, em Montpellier, a 23 de outubro de 1836. Deixou opulenta obra (v. Dicionário Bio-Bibliográfico Português, v. 10).

A última carta é, já, datada de Moçambique, a 12 de março de 1831, quando, ali, exercia, no final dos seus dias, o cargo de Governador e Capitão General, e é de seu punho somente o fecho e a assinatura.

Ei-la :

“ Illmo. e Exmo. Snr. José Maria Dantas Pereira.

Muito meu Snr.

Pelo Segundo Tenente da Armada, José Joaquim do Rego recebi a carta com que V. Exca. se dignou honrar-me, escripta em Lisboa, segundo elle me disse, porem sem data: estimei muito saber que V. Exca. e toda a sua Exma. Familia gozão perfeita saude.

Muito Malfadada tem sido a minha Memoria politica: Estou persuadido, que ella só encontrou protecção, e favor em V. Exca. e mais dous Socios da Academia; porém não deixo de conhecer os motivos, porque não a encontrou nos outros Socios. Agradeço muito a V. Exca. o trabalho, que tem tido com a diligencia, a fazer lithographiar outra Carta, e rogo a V. Exca. (já que começou) acabar este favor, mandando lithographiar a mesma Carta á minha custa em huma das trez Lithographias, que V. Exca. me diz já se contão em Lisbõa, afim de que a Memoria indicada possa apparecer, e correr completa de tudo, constituindo-me eu responsavel por toda a despeza, que V. Exca. fizer.

Tambem agradeço a V. Exca. as noticias que me communicou, e rogo-lhe continue a dar-me todas aquellas, que possão interessar-me.

Sou com a maior consideração, e respeito

De V. Exca.

Amigo antigo e Cro. obgdmo.

(ass.) *Paulo José Miguel de Brito*”

Ao chegar a este ponto e tendo diante dos olhos a edição “princeps”, de 1829, que Paulo José Miguel de Brito viu pronta e sabendo que, em 1832, saiu a lume, ainda sob os auspícios da Academia de Ciências, uma segunda edição, mas, então, tendo já o seu Autor falecido, em Moçambique, a 28 de janeiro de 1832.

Aos estudiosos da Historiografia de Santa Catarina uma advertência: a edição (3ª, portanto) da *Memória política*, “reimpressa pela Sociedade Literaria Bibliotheca Catharinense”, Florianópolis, Livraria Central, 1932, não possui o valioso “Appendice” da edição “princeps”, bem como os documentos “Appensos”, de grande valia para se entender o descortínio politico-administrativo do seu Autor, propondo medidas — como a integração social e econômica entre o litoral e o planalto catarinense, objeto, ainda hoje, de reclamos coletivos — de alta valia:

Paulo José Miguel de Brito por este trabalho é, inquestionavelmente, merecedor da admiração dos catarinenses :

Sobre seus interesses pela terra catarinense, em nossas pesquisas sobre sesmarias requeridas em Santa Catarina (3), a seu propósito, encontramos ser "Cavaleiro da Ordem de Cristo, Tenente Coronel de Cavalaria e Ajudante de Ordens do Governo da Ilha de Santa Catarina", isto em 1813, quando requereu, para si, uma sesmaria de terras que "necessita fazer estabelecimento em lavoura e criação de gado", "na margem sul do Rio Cubatão do Districto da frega, de N. Sra. do Rosario da Enciada de Brito no Continente de terra firme adjacente à mesma Ilha", requerendo, então, uma légua em quadro "fazendo frente ao fundo da data do Capm. de Infantaria de Linha João Bitancurt Pereira Machado e Souza, confrontando por todos os lados de Leste, Sul e Oeste com Costão devoluto, aonde ainda não há data ou Ereo algum". Foram determinadas as diligências, neste processo, na forma de costume ao Ouvidor da Comarca em 28.06.1813 e determinada provisão de medição e de demarcação em 19.06.1815. Entrementes, Paulo José Miguel de Brito havia partido de Santa Catarina, pois, ao deixá-la passou procuração, a 22 de setembro de 1814, para que o supracitado João Bitancurt Pereira Machado e Souza o representasse no aludido processo, que, entretanto, não teve despacho conclusivo.

Este é um adminículo ao esboço biográfico do grande português que, da Capitania de Santa Catarina, então abrangendo o litoral, com a beira-mar e os vales litorâneos, até a encosta da Serra Geral, traçou o seu primeiro retrato, mostrando, aquém e além Atlântico, as suas perspectivas de desenvolvimento, notadamente no que se refere à integração entre o litoral e o planalto, cabalmente analisada e fundamentando uma proposta que seria levada a efeito quase meio século depois, com a fundação da Colônia Militar Santa Teresa (1854) e ponto vital no relacionamento social e econômico entre as duas regiões.

(3) — v. nosso "*Introdução à história da propriedade rural em Santa Catarina*", VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, Aracaju, setembro de 1975.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

PIETRO DEBARBA

Pietro Debarba nasceu em 4 de julho de 1838, em Trichiana, comuna da província de Belluno, Itália. Casado com Maddalena Bernardi, nascida em 14 de agosto de 1840, morava com seus pais, então proprietários de pequena e montanhosa área situada nos arredores de Trichiana.

Dedicando-se ao cultivo da videira, que mal dava para a subsistência de seus pais, PIETRO DEBARBA, já com dois filhos crescidos (Francesco, com 13 anos, e Giuseppe, com 12 anos) e sem possibilidades de conseguir trabalho junto aos grandes senhores de terras, cada ano também mais pobres, devido à poronospora que atacava os parreirais, reduzindo consideravelmente a produção de uva e vinhos, cultura básica da região, só lhe restou uma saída: emigrar, aderindo ao grande número de bellunenses que, acreditando nas tentadoras ofertas difundidas pelos aliciadores brasileiros, embarcavam com destino à Colônia Blumenau.

Como integrante da primeira leva de italianos que chegou a Blumenau, a direção da Colônia destinou-lhe o lote nº 3, da linha Ribeirão Guaricanas, onde chegou nos meados do mês de setembro de 1876, com a esposa e os dois referidos filhos.

Em Guaricanas, o casal teve mais três filhas: 1) Giustina Debarba, nascida em 16 de fevereiro de 1882, que viria a consorciar-se com Leopoldo Ledra, nascido em 8 de agosto de 1878, filho do pioneiro Aurélio Ledra e sua esposa Catarina Cechelero, casal radicado no lote nº 12, da mesma linha colonial; 2) Lúcia Debarba, nascida em 1884, que viria a casar com Alberto Moser, nascido em 13 de abril de 1882, filho do pioneiro Francesco Moser, radicado no lote nº 9, da citada linha e 3) Maria Debarba, nascida em 9 de dezembro de 1885, que casou com Giuseppe Grava, radicado no lote nº 50, da linha Ribeirão São Paulo, em Ascurra.

Francesco Debarba, o primogênito, nascido em 1862, casou com Anna Marconcini, nascida em 1864 e que igualmente procedia de Trichiana, estabeleceu-se no lote nº 181, da linha margem esquerda do Rio Itajaí-Açu, em Guaricanas, adquirindo a posse de José Floriano da Costa. Este casal teve dez filhos:

- 1) Lorenzo Debarba, nascido em 9 de agosto de 1884, faleceu solteiro, em Rio do Sul.
- 2) Maria Debarba, nascida em 1885, casou com Bogo Degrazia.
- 3) Pedro Debarba, nascido em 16 de janeiro de 1887, casou em primeiras núpcias com Elvira Zermiani; e, em segundas, com Amália Moser.
- 4) Anibale Debarba, nascido em 15 de julho de 1889, casou com Paulina Fistarol.
- 5) Páschoa Debarba, nascida em 23 de junho de 1891, casou com Germano Feltrin.

6) Guilherme Debarba, nascido em 1892, casou com Maria Biz, filha do ex-“granatiere” Giovanni Biz.

7) Giuseppina Debarba, nascida em 1896, casou com Lodovico Losi.

8) Antonio Debarba, nascido em 1897, ainda vivo, com 78 anos de idade, é casado com Giacomina Mondini.

9) Maddalena Debarba, nascida em 1899, casou com Ricardo Curbaní e, finalmente,

10) Anna Debarba, nascida em 1905, faleceu em 11 de janeiro de 1911, com seis anos de idade.

Francesco Debarba faleceu no Convento das Irmãs Catequistas de Rodeio, no dia 17 de novembro de 1949, com a idade de 86 anos e seu irmão Giuseppe Debarba, nascido em 1865, casado com Raquele Prade, faleceu em 17 de março de 1929, com 64 anos de idade.

— Em Guaricanas, Pietro Debarba, construída a tosca cabana inicial para abrigar-se e à sua família, e feitas as primeiras derrubadas para o plantio dos produtos mais necessários à sua subsistência, dedicou-se desde logo ao cultivo da videira, cujas plantas originais, agora quase centenárias, existem algumas ainda, produzindo excelentes uvas. Dedicando-se também ao cultivo de cana, montou um dos primeiros engenhos de açúcar de Guaricanas, bem como rudimentar alambique para o fabrico de cachaça.

Pietro Debarba teve destacada atuação na organização e desenvolvimento de Guaricanas. Sob a orientação de Antônio Lanznaster e mais Francesco e Benjamim Moser, Giuseppe e Agostinho Feltrin, Giovanni Grava, Pietro Bragnolo, Giovanni e Domênico Dalmolin, Bortolo Conti, Luigi Rinco e outros pioneiros, prestou valiosa ajuda para a construção da primeira capela de Guaricanas, edificada no lote nº 14-A, para esse fim reservado pela Direção da Colônia, capela essa que foi dedicada a São José, construída a enxaimel e que iniciada em 1881, foi inaugurada em 12 de dezembro de 1882, pelo Revdmc. Pe. José Maria Jacobs, primeiro vigário de Blumenau.

Nesse mesmo ano, Pietro Debarba, com muito esforço, conseguiu angariar entre os pioneiros de Guaricanas e arredores, donativos em dinheiro, suficientes para adquirir os dois sinos, o grande e o pequeno, que ainda hoje badalam na torre da nova Capela inaugurada em 1936. Esses sinos foram comprados de uma fundição especializada de Milão, para onde, em 1885, Pietro Debarba viajou especialmente para isso.

Homem dedicado à religião, foi fabricante da Capela São José desde sua construção até poucos anos antes de sua morte, quase 40 anos. Dotado de qualidades severas, era respeitado por todos e muito estimado entre seus companheiros de imigração.

Com o falecimento de sua esposa Maddalena, ocorrido em 31 de julho de 1916, com 76 anos — Pietro Debarba passou a residir na casa de seu filho Giuseppe Debarba, onde, em 20 de junho de 1925, veio a falecer, com a mesma serenidade em que viveu, própria dos homens de bem.

Contava 87 anos de idade e foi inumado no cemitério de Guaricanas.

HERANÇAS DO FOLK-LORE UNIVERSAL EM SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

- III -

Vimos que o Boi-mamão original, verdadeiramente *folclórico*, é um rito, como todos os componentes do "folk-lore" de vários povos são, e, por isto mesmo, não pode ser adido d'outros elementos sem história, sem tradição, sem passado, sem uso e costume fixado em séculos, sem finalidade específica ritualística. Também, não passa de mistificação para o *enjambramento* de bichos que não condizem sequer com o Panteão do povo inicial dum país, quanto mais com o seu *campus zoológico*. A pura imaginação não pode criar seres fantásticos sem história que o embase como crença ou como superstição. Seria interferência no uso do Boi-Mamão, mas seria, pelo menos, mais condizente com o Brasil, em lugar dum esquisito *jaraguá*, adir um *Saci*; em lugar duma inexplicável *bernúncia*, - tomada de imitação dos Dragões do Celeste Império—, melhor ficaria um *Curupira*, um *Caapora*; em lugar dum urso, que não há por estas bandas nacionais, ficaria bem um *Negrinho do Pastoreio*, já firmado no Panteão mitológico brasileiro. Nada mais ridículo que um Boi-Mamão coberto de plástico e cheio de lanteijoulas, dançando num *zoo inexplicável*, e, ainda por cima, passando recibo de ignorância *folclórica*, premiado em mais que ridículos festivais. É de dizer-se como o *matuto* ilhéu: — "Ora, vão entender de *folclore* pro inferno". E ainda há quem justifique tais *enjambrações*, dizendo que é o progresso: Ora, bolas, se é progresso não é *folclore*, é fato atual, e fato atual é nada.

x x x

Uma rama do mesmo culto *folclórico* ao Boi, é o *Boi-na-Vara* ou o Boi-expiatório. Este ritual, um tanto violento, e desumano aliás é de origem religiosa mais profundamente fincada na História. É uma adaptação do Cordeiro Expiatório dos Mosaístas e do Bode Expiatório dos ritos iniciáticos helenos. A expiação de pecados era o holocausto; a maneira de exercer esse holocausto variava, na antiguidade, de povo para povo, contanto que lavasse a alma do pecador; era, desde a queima no altar de pedras, a pira, até a morte a pedradas ou por exaustão na corrida sob torturas várias. O pobre inocente animal pagava, ou supunham os praticantes do rito, o crime do humano, feroz, bárbaro, imbecil e pretencioso, como se Deus desse poderes de delegação de culpa dum animal humano para um animal não-humano. A perseguição ao touro, e sua morte final, na Sexta-Feira Santa, começou na Itália, distendeu-se mais violenta, à Espanha e a Portugal. Desses países se levaram às suas conquistas americanas. Assim, cá nos chegou o triste espetáculo do Boi-Expiatório ou Boi-na-Vara. Faz parte do Folk-lore Universal, mas na faixa circunmediterrânea, no relativo ao Boi, nas outras era o Carneiro, o Cordeiro.

O rito mandava que o sacrifício do animal *limpasse* de pecados a comunidade. Daí que todos os válidos perseguiram o pobre animal. Assim, o Boi-na Vara, no sul do Brasil, veio com os primeiros lusos. Um ritual de Semana Santa. Mas que é o Boi-na-Vara, já quase extinto no País, mas cultuado ainda em povoados mais distantes e mais arraigadamente agarrados ao folk-lore do pecado limpo pelo sacrifício animal? Pela Sexta-feira, ao amanhecer, solta-se um Boi *arisco* ou *brabo* pelas ruas da vila ou povoado e todos lhe correm no encalço, batendo-o a paus longos (varas), dando-lhe pedradas, torcendo-lhe e quebrando os ossos da cauda (rabada). E, por fim, o animal extenuado das torturas, e das corridas continuadas para escapar aos algózes, cai na agonia com a vida (Agonia quer dizer o último combate com a vida para vencer a morte, pois é o puro significado do vocábulo grego). Vencido, é abatido e retalhado para seus monstruosos comensais. É um culto brutal, com inúmeras explicações históricas. E uma das exigências do culto é que o boi seja morto sem receber armas brancas. Logo após a morte é que o animal é sangrado e dividido entre os *notáveis* do lugar. Em boa hora andaram as autoridades do País, faz anos, pondo medidas restritivas a esse culto *folclórico*. Todavia, faz parte do conteúdo *folclórico* universal chegado a Santa Catarina.

Há, no entanto, que registrar uma diferença na estrutura do culto ao Boi nos dois elementos, Boi-Mamão e Boi-na-vara: O Boi-Mamão é um rito simulacro; o Boi-na-Vara é um rito com objeto ativo. Um, o primeiro, é um trabalho curandeiro por imagem, por representação; o outro, uma atividade direta de holocausto. Se bem que holocausto seja queimar, transformar em fumo para subir aos deuses, a palavra generalizou-se para todo e qualquer sacrifício de vida em favor de alguma cousa. O Boi-na-Vara é um rito de sangue, um ritual de pavor, uma tortura progressiva até a morte.

Faz anos, assisti, e fiquei tomado de um certo medo frente à explosão do íntimo animal dos participantes, uma cena de Boi-na-Vara, que era a alegria bruta e insensível de toda uma vila. Convém um ligeiro relato, para situar e exemplificar o tema: Foi ali no vilarejo Saco Grande, na Ilha de Santa Catarina, no velho caminho para Canasvieiras. O centro do Vilarejo, se me não engano, era o armazém do sr. João Paulo. O lugar, como vilarejo, não existe mais na estrutura antiga; é hoje lugar de grandes moradias e área de progresso. Tudo antigo desapareceu ali. Até a grande chácara de engenho de farinha dos Coelhos, — meus parentes ainda como bisavós —, foi vendida não faz um lustro para edificações. Pois foi ali que assisti um rito de Boi-na-Vara. Solto frente a uma Orada, (1) o boi, foi o mesmo assustado a berros, pauladas e pedradas por mais de 200 pessoas; correndo pela única rua do lugar, o animal foi juntando atrás de si imensa mole humana, que mais parecia uma enlouquecida onda de berros e uivos a se deslocar compactamente sobre o pobre descendente de Ápis e Minos. O animal, apavorado, subia morros, descia canhadas, pulava pedregais. A turba lhe ia no encalço. A tantas, o Boi parou para o combate final do desespero: Enfrentou, num pasto inclinado, na antiga volta do João Pio. Chifrou um dos primeiros a avançar e lhe fez um rasgo no ventre,

mandando-o ao hospital; feriu mais um ou dois; mas, de repente, lançou um mugido de doer a alma das pessoas sãs. Tinham-lhe quebrado a cola em vários pedaços, disseram-me. Depois, outro grito-mugido, como se tivesse saído das entranhas dum mundo de maldições, e alguns lhe arrancaram, a força de torcer, um dos chifres. Depois, de longe, vi o animal em estrebuchos: Tinham-lhe partido a pau costelas e uma das pernas trazeiras. Depois, o silêncio da turba: Estava feito o holocausto de perdão na mais atra maldade. Aquilo me deixou pensativo muito tempo e, porque não afirmar, até hoje. Pelo anoitecer, na venda do João Paulo, um cantador, ante uma roda de *basbaques*, em *rodadas* de cachaça, dava o toque final, acompanhando-se duma sanfona de 8 baixos, (uma gaita de foles), fazia a divisão dos restos do animal:

“... e o filé,
é do seu José.
E todo o fato
é do seu Donato”

É um ritual em extinção. Mas é do folk-lore universal, com variações.

x x x

Uma outra variação, mais recente, oriunda, por imitação, das arenas luso-espanholas, tomadas de circos da América Latina, principalmente do México, onde há arenas oficiais de Touradas, uma imitação *folclórica*, não haja dúvida, mais teatro que simulacro ou ato efetivo, é a tourada de *mafuá*, ou de parques-de-diversões, esses pequenos conjuntos aventureiros que percorrem o interior do País em exhibições várias. As touradas de *mafuá* são feitas com bois, geralmente mansos, alugados no lugar onde chegam, dentro duma arena no circo ou do parque. Nada violento ou objetivando a morte do animal. É uma simples dança imitação, sem origem definida, em torno do boi para irritá-lo. O toureador deve sair inume d'alguma chifrada, mais por acaso que por propósito do animal, para tomar nome e passageira glória de toureiro ou *loreador*, que dá no mesmo. Esses *mafuás*, misto de parque-de-diversão-teatro-jogos (e outras coisas mais... más), merecem um estudo especial dos folcloristas, porque trazem uma história inicial em seus baldrames, já deturpados com luzes elétricas, microfones, discos-sonoros e outras *bugigangas* moderninhas e não *folclóricas*, portanto. O parque-de-diversões tem raízes no circo, assim como o circo tem suas bases fincadas dentro do Coliseu em Roma. Isto veremos a seguir.

(1) — Orada ou Oraga era, na Ilha de Santa Catarina, um cercado quadrado, com uma cruz negra chantada ao centro: no lenho vertical, quase sempre, pregados os distintos elementos da tortura e morte de Senhor Jesus. A escada, a torquês, o prego e o maço, pintados em branco. Ali se rezavam novenas e pagavam promessas. Havia na Ilha, 27 Oradas nas vilas e lugarejos. Hoje ainda existem algumas poucas que os folcloristas deviam pleitear conservação. Cada ORADA tem sua história e propósito.

A BITRUC A

C. GAERTNER

Afirmam os estudiosos que a língua árabe é muito rica dispendo, por exemplo, de centenas de palavras para designar o nosso secular companheiro — o cavalo.

A nossa língua não é tão rica assim, pois que, para o mesmo objetivo, temos corcel, ginete, palafrém, pileca, faca, hacanéia, rocim, sendeiro, matungo, pilungo, piquira e alguns outros mais.

Isso não significa, entretanto, que o cavalo, esse nobre, altivo e bravo lutador de campos de batalha, esse inseparável companheiro do gaúcho na solidão dos pampas, esse esforçado serviçal nas lides campesinas, esse paciente trator de arados, zorras e carroças, esse orgulhoso tirador de caleches de luxo, tenha ficado esquecido entre nós. Muitos deles tornaram-se célebres por terem pertencido a grandes vultos da história, ou por terem sido destacados na literatura universal e na mitologia, e seus nomes foram preservados para a posteridade. Assim aconteceu com Ali, o cavalo branco de Napoleão; com Babieca, a montaria de Cid o Campeador; com Borac, a égua branca de Maomé; com Bucéfalo, o histórico e famoso cavalo de Alexandre Magno; com Incitatus, elevado ao consulado pelo desequilibrado imperador Calígula; com Canaca, o cavalo de Sidarta Gotama; com Rocinante, o literário e magérrimo animal do cavaleiro Dom Quixote; com Veillentif, o cavalo de Rolando, imortalizado nas canções de gesta; com Xanto, o legendário cavalo do herói troiano Aquiles; sem esquecermos Pégaso, o cavalo alado de Perseu, nascido do sangue da Medusa.

Mas, com tudo isso, não podemos competir com o rico idioma do legendário Antar.

Há, entretanto, um departamento vocabular onde somos imbatidos e imbatíveis (salvo engano ou omissão), que é o da pluralidade de nomes, simples ou compostos, com que designamos o nosso maravilhoso produto que se origina da fermentação e da destilação da garapa de cana.

Essa riqueza de nomenclatura não escapou à observação sagaz do nosso lexicógrafo e acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, tendo-a sublinhado, por intenção, no seu novo dicionário. Lá, no léxico, que carinhosamente apelidamos de Aurelião, a cachaça tem uma groza de nomes. Notem bem: uma grosa, doze dúcias, cento e quarenta e quatro denominações!

E, contudo, escaparam alguns nominativos, como “codório” e “milagrosa”. Este último é atribuído à cachaça pelas suas virtudes onimodas: aquece no inverno e refresca no verão; estimula o apetite e engana a fome e a subnutrição, pelo que é panacéia nas baixas camadas populacionais; e é, também, o excipiente universal que percola e concentra as propriedades

curativas das plantas medicinais utilizadas pelo nosso caboclo. As ervas, raízes, folhas, flores, cascas ou frutas são colocadas na garrafa de cachaça — a garrafada — que se enterra na mata virgem por nove dias.

Quando o compadre quer ensinar um remédio que afirma ser um porrete para as macacoas do caboclo, este pergunta logo:

— Cachaça com que? compadre!

O nosso patricio das selvas quando bebia fazia-o com respeitosa unção: antes de beber, ou após, vertia algumas gotas no chão em honra de Santo Onofre, o santo cuja imagem era reverenciada, não com velas, fitas ou flores de papel de seda, porém com um copinho de cachaça em seu altar. Este hábito, a libação, nos vem dos rituais pagãos gregos e romanos, originários do Egito, para honrar os deuses conquistando-lhes os favores. Entre os indus havia o ritual do soma, uma bebida alcoólica vertida no fogo dos sacrifícios em honra de Agni.

O caboclo do Rio Grande do Sul e o do planalto catarinense, cada um deles, entrando em contato com as colonizações germânicas, escutava com atenção disfarçada as palavras que não entendia, papagueando-as depois erradamente e procurando encontrar-lhes a significação.

Das suas viagens com cargueiros para as colônias trouxe de memória algumas palavras, como “mói” e “viguetes”, desejando exhibir aos seus vizinhos os novos conhecimentos de homem matriculado. No primeiro encontro que teve com o compadre no boteco do arraial, resolveu pavonear a sua superior sabença e propôs:

— Vamo tomá uma bitruca?

— Tomá o que? compadre!

— Uma bitruca!

— Que bicho é esse?

— Ora essa, compadre, é cachaça! Os lamão quando bebe fala sempre bitruca!

Acontece que ele ouvira por diversas vezes, entre os colonos alemães que bebiam sua cerveja nalgum estabelecimento comercial, a palavra “betrunken”.

De betrunken para bitruca houve uma operação transformacional fonética e semântica, como diria o ilustre professor de português que escreve no jornal uma secção com o louvável e inútil empenho de fazer com que falemos e escrevamos corretamente a língua.

Aqui fica o apontamento para que tais palavras, há muito usadas e ora fora de uso, sejam incluídas na verbete “cachaça”, para continuarmos a manter a nossa indiscutível e incontrovertida liderança.



SAUDOSAS RECORDAÇÕES DE UM GRUPO DE IMIGRANTES RIOCEDRENSES

P. VICTOR VICENZI

A Prof.^a Maria de Lourdes Rafaelli Scoz, residente em São Paulo, à Av. Pasteur, n.^o 62, narra como seu avô Giovanni Batista Rafaelli, seu tio Alessandro Rafaelli e também outros imigrantes de Rio dos Cedros, partiram de Trento em 1875 num trem, que atravessou os Alpes por um túnel "muito grande", a caminho do porto de Maiseilha, na França.

Todas as vezes, que o grupo de imigrantes riocedrenses se reunia para seus lazeres dominicais, lembravam com saudades aquela viagem de trem, as peripécias e o embarque no navio; mas não sabiam qual era o nome do túnel.

Esse túnel a que eles se referiam, é certamente o "Moncenisio", do monte Cenis da cordilheira dos Alpes, com 3.538 metros de altura. Chamado também Frejus, tem 13.638 metros de comprimento e comunica Bardonechia italiana com Modane francesa a 1.000 metros de altitude, inaugurado em 1871, sendo considerado um dos maiores túneis do mundo.

Foi através das encostas dessa alta montanha do Cenis, que no ano 536 A. C., Anibal, o Cartaginês, com seus milhares de elefantes, um exército de 50.000 infantes e 10.000 cavaleiros, atravessou os Alpes pela primeira vez na história, levando 15 dias, em marcha forçada contra Roma, perdendo nesta arrojada empresa, grande parte da sua aguerrida tropa, dezimada pelos inimigos, pelo frio, e pelo cansaço de uma das viagens mais sacrificadas de que a história tenha memória.

Foi também, por esse mesmo caminho íngreme e sem estradas, que Napoleão Bonaparte, numa marcha fulminante, atravessou os Alpes em 5 dias para combater a Áustria, que tinha invadido a Itália em 1799, derrotando-a na batalha de Marengo.

Foi enfim, por esse caminho, mas agora já viajando confortavelmente de trem, que muitos do imigrantes italianos, passaram pelo túnel Moncenisio, por baixo dos Alpes, em 1875, para chegar às novas terras riocedrenses e saudosos lembravam o histórico acontecimento.

Um outro episódio bastante impressionante que lhes ficou gravado para sempre no seu coração, foi o da chegada a Marselha, quando viram o navio que os devia transportar para o Brasil através do Oceano Atlântico. O pânico apoderou-se de quase toda aquela gente. Momentos de dúvidas e de apreensão ameaçavam a coragem de prosseguir viagem. Tomada pela emoção natural e contagiosa do momento, não pôde resistir às lágrimas. As mulheres atiravam-se nos braços dos seus maridos e abraçavam seus filhos desesperadamente entre prantos e lamentações. "Cosa abbiamo fatto, cari da Dio... Ritorniamo in dietro, ritorniamo in dietro..."

Voltemos para trás, voltemos para nossa terra... Aquelas famílias viram pela primeira vez o mar e o navio dos quais tanto ouviram

falar, mas nunca teriam imaginado que fossem tão extraordinários assim. A imensidão das águas atemorizavam aqueles passageiros indecisos. Morreremos todos, diziam. O mar será a nossa sepultura. "Quando saremo in mezzo al mare, il bastimento si sfonderà tutti moriremmo".

Mas os dados estavam lançados. A sorte decidida. Era preciso partir. A nova Pátria os esperava. Sentiam deixar a sua. Contudo, o futuro estava traçado. Por isso, encorajando-se mutuamente uns aos outros, cheios de esperança, subiram ao navio para o embarque, na certeza de que Deus estava com eles. "Andiamo, coraggio compagni. Andiamo via in América."

À hora da partida do navio do porto de Marselha, chorando, abanavam suas mãos tremulas num último adeus para a terra querida da Europa, que nunca mais haveriam de tornar a vê-la.

Alessandro Rafaelli, nasceu no dia 6 de maio de 1850 e Giovanni Batista Rafaelli, no dia 24 de setembro de 1858, em Volano, Província de Trento, conforme documentação do registro de batizados daquela Paróquia, remetido especialmente para essa finalidade, juntamente com um tecido bordado por sua mãe no dia do seu nascimento.

O Ensino Particular em Blumenau

O ensino e a educação dos filhos dos imigrantes foi sempre uma das grandes preocupações do Dr. Hermann Blumenau, fundador da colônia que tem seu nome. Para evitar que os mesmos se criassem analfabetos e "embrutecidos", procurava, com todos os meios, despertar o interesse dos pais e favorecia a criação de escolas, com a energia e tenacidade que lhe eram peculiares. Em 3 de junho de 1852, veio a Blumenau Fernando Ostermann, de 26 anos de idade, solteiro, professor formado.

O Dr. Blumenau faz referência a ele no relatório de 4 de janeiro de 1853:

"O dito professor, ocupando-se já há tempos com o estudo da língua nacional, todavia não achava lugar apropriado para aprender a mesma na sua pureza e não a linguagem corrompida dos Itajaianos; como agora, porém, se procurava tal lugar, e já entende bastante a língua, espero que em poucos anos esteja no caso de poder fazer o exame competente e então servir na colônia como professor."

Realmente, a 13 de junho do ano de 1854, Ostermann foi nomeado professor pelo Presidente João José Coutinho.

Em 1856 o Dr. Blumenau informa:

"A frequência da escola de primeiras letras, cujo professor, colono naturalizado e pago pela Província, ensina em ambas as línguas simultaneamente, como é necessário, teve regular andamento e progride. O professor é ativo e dá, além das aulas cotidianas no centro da colônia, em cada semana, em duas tardes, lições no lugar da povoação na beira do rio." (Relatório de 1856).

Foi este o início do ensino primário em Blumenau.

Em 1858, foi nomeado professor público Vitor von Gilsa. Tinha sido capitão de artilharia a serviços da Prússia, de Schleswig-Holstein e do Brasil. Comandou, em 1863, o corpo de voluntários de Blumenau na guerra do Paraguai, sendo substituído, durante sua ausência, pelo Dr. Eberhardt.

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

Fontes

Para reconstituir uma genealogia, deve-se fazer uso de informações colhidas apenas em fontes fidedignas. Genealogias já publicadas, referências na História, cartas antigas ou tradições orais são ótimas fontes acessórias, porém nem sempre são corretas pois são inúmeras as falhas encontradas neste tipo de referência.

No Brasil e, especificamente em Blumenau, onde procuramos despertar o interesse pela genealogia, as fontes são várias;

1) Registro Civil

Instituído em 1889, com o advento da República, que separou o Estado da Igreja, ele tornou obrigatório o registro dos nascimentos, casamentos e óbitos de todos os cidadãos. Anteriormente, estes assentos eram feitos apenas na igreja, cada paróquia mantinha seus registros e as certidões fornecidas pelas autoridades religiosas — católicas ou evangélicas — eram oficialmente reconhecidas.

Esta fonte tem sua utilidade apenas para uma época recente, porém no caso de óbitos de pessoas idosas, ela permite situar nascimentos ocorridos no início do século passado.

Em Blumenau, o Registro Civil, mantido pelo sr. Getúlio Vieira Braga, possui registros de casamentos desde 1875, portanto anteriores à sua instituição oficial. Registros de óbitos desde 1876 e de nascimentos a partir de 1876.

Os registros anteriores a 1883 eram mantidos pela administração da Colônia e muitas atas levam a assinatura do Dr. Blumenau. As atas dos primeiros anos são bastante extensas, com informações pormenorizadas, especialmente as de óbitos, entre as quais há algumas bastante curiosas, mencionando sempre a causa do falecimento. Por exemplo: “morreu em consequência de pauladas que lhe deu A quando de uma briga com B por causa de uma cerca mal colocada”.

Em realidade o Dr. Blumenau mantinha estes registros desde o início da colonização, adotando aqui o sistema em uso na Europa. Infelizmente, os mais antigos foram destruídos, junto com a maior parte do arquivo municipal, quando do incêndio da Prefeitura em 1958.

2) Paróquia Evangélica

Com a vinda do Pastor Hesse em julho de 1857, fundou-se a Comunidade Evangélica de Blumenau e os primeiros batismos e casamentos datam de agosto de 1857. Nos registros de batismos de 1857 e 1858 constam vários batismos de crianças nascidas nos anos anteriores, inclusive um nascimento de 1852, que é o mais antigo que neles é mencionado.

Os registros de batismos do período 1857 a 1881 e de casamentos de 1857 a 1893 foram recopiados, de forma resumida, por um pastor durante a 2ª guerra mundial, com ótimos índices e uma bela letra. Os originais são em gótico o que os torna acessíveis apenas aos poucos que ainda conseguem decifrar esta escrita. Nestes originais havia mais dados sobre os interessados, como idade dos pais ou dos nubentes ou dos pais destes, lugar de nascimento e profissão, o que o pastor não julgou necessário incluir na cópia que fez.

Os registros de óbitos não foram copiados e existem portanto apenas no original. Parecem ser incompletos e, em vários registros de batismos, foram apenas usadas as folhas finais dos livros para anotar alguns óbitos.

Para a época anterior a 1857, batismos e casamentos eram feitos pelo próprio Dr. Blumenau e recebiam bênção religiosa na primeira oportunidade. Estas cerimônias eram consideradas válidas para todos os efeitos e são perfeitamente justificadas pela falta da existência de um pastor na Colônia.

Em algumas ocasiões, o pastor Hölzel da Colônia Da. Francisca, a Joinville de hoje, vinha a Blumenau, a pedido, para realizar casamentos e batismos e dar assistência espiritual aos colonos. Assim, é provável que, nos registros da paróquia evangélica de Joinville, haja assentos de batismos e casamentos feitos pelo referido pastor. Pretendemos investigar este fato e se possível, publicaremos todos os assentos ali encontrados que se referem a pessoas de Blumenau.

3) Paróquia Católica

A paróquia católica de Blumenau foi criada em 1877 quando o Padre Jacobs aqui se estabeleceu. Os registros, conforme informa o Livro do Centenário, existiriam desde 1870.

De 1867 a 1870 os assentos de batismos, casamentos e óbitos poderão ser encontrados na Casa Paroquial de Gaspar, cuja paróquia foi criada em 28 de julho de 1861.

Antes de 1867, o Padre Gattone, que residia em Gaspar, dava assistência religiosa aos católicos de Blumenau, isto desde 1858 aproximadamente. Tendo sido transferido para Brusque em 1867, ele levou seus registros, que até hoje são conservados na casa paroquial daquela cidade. Nestes registros poderão ser encontradas atas do período 1858-1867, inclusive de blumenauenses.

Em Joinville, o Padre Carlos Boegershausen foi nomeado em 1857 representante da autoridade eclesiástica para toda nossa região, quer dizer Joinville, Blumenau e, mais tarde Brusque. Ele vinha as vezes a Gaspar para dar assistência espiritual aos católicos daquela cidade, onde os de Blumenau também cumpriam seus deveres religiosos, na capela ali construída em 1850. Devem existir assentos de atas de batismos e casamentos de católicos de Blumenau nos registros de Joinville para os anos de 1857 e 1858 e talvez mesmo mais tarde.

Para os anos anteriores a 1857 é provável que os assentos referentes a católicos blumenauenses tenham sido feitos em Itajaí.

Vamos investigar o que existir em Brusque, Joinville e Itajaí e eventualmente publicaremos relação das atas encontradas.

Até 1854 havia em Blumenau somente colonos de religião evangélica. Os primeiros católicos — 4 austríacos — chegaram em 1854 e em 1857 o número de católicos não era superior a 40. A quantidade de atas de batismo e de casamento deste período será portanto relativamente pequena.

Cemitérios

Pedras tumulares são de grande utilidade para o genealogista pois, em uma única lage, ele poderá encontrar frequentemente datas de nascimento e de falecimento, junto com as da esposa e, não raras vezes, também de filhos. Devido a boa conservação de nossos cemitérios, há túmulos de cem anos ou mais, em perfeito estado de conservação.

Inventários

No cartório podem ser encontrados os inventários de pessoas falecidas, os quais contêm nomes e local de residência dos filhos ou herdeiros do defunto. São informações valiosas nos casos em que haja filhos que se afastaram daqui e acabaram perdendo contato com os parentes.

Testamentos

No 1º tabelionato de notas do cartório Margarida, são conservadas, desde 1861, todas as escrituras de compra e venda de bens móveis e imóveis, inclusive mesmo uma escritura de venda de um escravo, assim como testamentos. São documentos interessantes para aqueles que desejarem incluir na sua genealogia dados sobre os bens possuídos pelos seus antepassados, local exato de residência, profissão etc.

Fonte Acessória

O Instituto Hans Staden, de São Paulo, editou até agora seis volumes de sua obra "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" onde constam genealogias de algumas famílias de nossa região. Convém consultar esta obra pois, se a família nela constar, fornecerá uma ótima base para o início de um trabalho genealógico.

Concluindo, são estas as fontes principais para encontrar informações autorizadas sobre os antepassados em Blumenau. Reconstituir a genealogia de uma família blumenauense, que aqui se estabeleceu no início da colonização, é portanto um trabalho que não apresenta maiores dificuldades e pode ser concluído em poucos dias.

Há genealogias mais complicadas, como, por exemplo, a dos ascendentes, descendentes e irmãos de Pedro Wagner — um pré-colonizador de Blumenau — a respeito de quem muito já foi escrito. Porém trata-se de um caso especial: Pedro Wagner nasceu na Alemanha, foi a São Pedro de Alcântara em 1829 e veio estabelecer-se em "Capim Volta" antes de 1850. Trata-se aqui de um caso de pesquisas para época anterior à existência de Blumenau.

Estamos trabalhando nesta genealogia, que pensamos apresentar em nossa próxima edição.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

ANITA GARIBALDI, o PERFIL DE UMA HEROÍNA BRASILEIRA
por Wolfgang Ludwig Rau — Edição do Autor — 1975

Se alguém resolvesse escrever uma biografia e chegasse a um resultado tão positivo quanto este, que Rau logrou atingir com a edição da presente obra sobre a heroína de dois mundos, poderia considerar-se plenamente realizado.

Partindo desta colocação, não resta acrescentar muita coisa a não ser recomendar o livro, especialmente para os estudiosos da nossa história e para os jovens estudantes. É pena que o preço do livro seja um pouco caro, proibitivo mesmo para os estudantes. Mas acontece que o autor teve de arcar com as despesas da edição. E o preço teve de ser encarecido, pois além de muitas ilustrações, o volume tem cerca de 500 pags.

Acreditamos que seja difícil, quase impossível, alguém escrever biografia mais completa e detalhada da nossa heroína.

Rau consultou arquivos, manteve contatos com descendentes de José e Anita Garibaldi quando estes visitaram o Brasil, e acabou indo a Itália, para percorrer os locais que serviram de cenário para a vida, luta e morte de Anita.

O prefácio da obra foi escrito pelo emérito historiador e professor catarinense, Oswaldo Rodrigues Cabral. O serviço gráfico coube à editora Edeme. Capa de Hermann Brill e de Wolfgang Rau.

UM ESCRITOR DE SANTA CATARINA

“Caderno de Sábado” do jornal “Correio do Povo” — Porto Alegre.

O suplemento de cultura “Caderno de Sábado”, que é editado pelo “Correio do Povo”, está publicando uma série de depoimentos de escritores catarinenses, sob a coordenação de Emanuel Medeiros Vieira.

Já deram presença nas páginas do tradicional jornal gaúcho alguns dos mais expressivos nomes da literatura barriga verde (ou, pelo menos, catarinenses por adoção), manifestando suas opiniões sobre a cultura no Estado.

Uma das perguntas que Emanuel Medeiros Vieira faz aos escritores que entrevista é sobre a visão que eles têm do “ilhamento” cultural que caracteriza Santa Catarina, com movimentos quase sempre independentes entre a capital e as principais cidades, que inclusive fazem oposição entre si.

Já prestaram depoimentos, entre outros, Vilson do Nascimento, Raul Caldas Filho, Holdemar Menezes e Salim Miguel. A cada semana, um escritor é focalizado.

Na opinião de Salim Miguel, referindo-se à oposição entre as várias cidades, elas parecem até “benéficas e instigantes, no sentido de uma emulação que viria dar mais vitalidade e incentivo a todos.” (Caderno de Sábado, 12/6/76).

Já para Holdemar Menezes, “a oposição entre as cidades do Estado é uma irrealdade. Somos todos amigos: os de Lages, os de Tubarão, os de Blumenau, os de Joinville, os de qualquer outra cidade. Não há mal em Blumenau dizer que a cultura catarinense possui sua sede naquela cidade. No final dos tempos, vão sobreviver apenas os bons. Os maus serão esquecidos. Digo maus romancistas, maus cronistas. Na literatura, os mistificadores vivem muito pouco, mesmo que consigam publicar muito.” (Caderno de Sábado, 29/5/76),

O surgimento dessa página do “Caderno de Sábado”, dedicada à cultura e ao escritor catarinense, é sumamente importante. Principalmente para mostrar que nosso Estado não é um deserto literário como apreçoam alguns. Nem nos ressentimos da falta de um Dalton Trevisan, como prognosticam outros. Somos, talvez, culturalmente e em proporção, um dos Estados que mais desenvolvem atividades neste setor, não importa se com oposição ou sem oposição entre as cidades. Aqui cultura se faz com regularidade. E o que é muito importante: com despreendimento. A prova está no jornal gaúcho “Correio do Povo”, que dá guarida a estas manifestações, mostrando aos seus milhares de leitores a realidade dos contistas catarinenses.

QUÍMICA EM PALAVRAS CRUZADAS

de Luiz Alberto Silveira — Editora Lunardelli — 1976

Assim como no ano passado já havia sido editado o livro “Biologia em Palavras Cruzadas”, da mesma Lunardelli, surge agora a presente obra, de autoria do professor Luiz Alberto Silveira.

O editor esclarece, na apresentação, que “Química em Palavras Cruzadas” objetiva, nas entrelinhas do entretenimento, ministrar conhecimentos, estimular o estudo e sobretudo detonar a curiosidade instintiva do leitor, que o fará responder a cerca de 700 testes que versam sobre importantes capítulos da química, com o sabor do divertimento de se fazer palavras cruzadas. A primeira parte do livro compõem-se das “cruzadas”. Em seguida, vem uma parte sob o título “Introdução à Química”, com interessantes ensinamentos sobre a matéria. Seguem-se os seguintes capítulos: “Classificação Periódica dos Elementos”, “Funções Químicas” e “Soluções”, além de todas as respostas aos problemas apresentados, em separata.

NOTA: Toda correspondência destinada à Carlos Braga Mueller, deverá ser endereçada para a CAIXA POSTAL, 30 — Blumenau.



A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Antonico Campano, que escutava as lorotas, tomava calmamente o seu café com mistura e tirara mesmo uma palha para preparar o seu papa-terra quando...

— Mas praquê vancê fais essas mardade de cortá os seio das muiê? perguntou um dos caiçaras que encarava o Bento com um olhar mais frio do que gume de navalha.

— Por mardade pura, sô. E até a fiia do veïio Campano teve de moiá a terra com o mel de...

Ouviu-se o arrastar de uma cadeira e num ápice o filho de Campano assomou à porta de dentro da venda de Trinta e Oito apontado. Tião, por covardia, ou porque apanhado de surpresa ou porque não quis travar luta, o certo é que saltou na rua, montou a cavalo e deu as de Vila Diogo. Antonico saltou o balcão e da porta berrou:

— Pelas costas, não! Miseráve! Foge, covarde! Há de ser cara a cara, desgraçado! Voltando-se para os fregueses na venda disse:

— Não sou carrasco, mas sou enjoado e apontando a arma em direção às grimpas do pinheiro no meio da estrada, com certo tiro fez descer uma pinha inda verde. As pessoas gabavam a boa pontaria, Tião, contudo, cravou as esporas nos flancos do animal e sumiu. Os cascos do pobre animal levantaram uma nuvem de pó.

Ao meio-dia, no mesmo local, Antonico Campano jantava. Naqueles dias o jantar era considerado ao meio-dia e à noite era servida a ceia.

Tião Bento, sem ao menos poder sismar que o filho de Campano estivesse por perto, apeou do cavalo e embarafustou venda a dentro, pediu um trago, último de sua vida pregressa e entrou a tourear como pela manhã.

— Por isso me gabo. Mais dedos de muiê e moça, mais oreia, mais seios do que esta espada ninguém cortou. E tem mais, com esta eu degolei arguns persiguido da justiça. Desta nem mesmo a fia de Campano escapou. Tirei a "bicha" de casa e fiz o serviço bem feito.

Muita gente pedira a Antonico Campano que deixasse de história. Acabaria na boca do cano de revólver de Tião Bento. O moço calmamente respondia:

— Vancê não viu sua irmã escoada em sangue, viu? Não viu, pois então não sabe o que vai aqui dentro e punha mão sobre o coração. Eu amava minha irmã como minha vida. Quando vinha de minhas viagens, ela vinha receber-me e vasculhava os bolsos à procura de chocolates e rebuçados. Tive de ver essa criatura, caída, os seios retalhados, esvaiando-se em sangue, morrendo. E o mesmo desgraçado acabara de assassinar minha mãe que por certo pedira pela filha. Só recolhi seu último suspiro.

O "cão" que se arriscou a fazê isso vai pagã, pena é que não pague na mesma moeda.

Desta feita, pê ante pé, Antonico aproximou-se da porta e quando Tião Bento deu com ele já tinha uma bala na cabeça. Ao cair arrancou do 38 e puxou o gatilho. O tiro varou o teto e as tabuinhas que serviam de telhado. De um salto Antonico ganhou o balcão e descarregou o revólver no peito do bandido esparramado no soalho e deixou-o cravejado como peneira.

— Morre, cachorro! exclamou contemplando o cadáver já sem vida. Voltando-se para os presentes:

— Estou vingado. Este não incomoda mais ninguém.

Homem de poucas palavras, deixou o local para depois voltar com uma carroça e uma manta vermelha. Apanhou o cadáver e dispô-lo na carroça, seguindo depois para a vila para receber o prêmio pela façanha. Indultado, foi absolvido. Dizem que teve de responder júri, por ter descarregado a arma em inimigo caído. Lá isto é com a justiça. Com duzentos mil réis no bolso voltou e continuou a tropear. Este moço após a morte da mãe e da irmã nunca mais riu, nem mesmo após ter-se vingado de terrível desafeto. O quadro daquele fim de tarde junto ao cadáver da mãe e da irmã jamais se apagou de sua mente.

Houve bandidos que se acomodaram após as peripécias de uma vida pregressa. Também Antonio Matreiro acomodou-se. Despertou-se-lhe mais tarde a antiga sanha e voltou a praticar atos malfazejos. Deu-se mal, porém. Certo dia encontrava-se numa venda para a qual fora mandado um rapazinho a comprar um quilo de arroz para o pai doente. Os meninos já andavam armados. Os que podiam ostentavam um Trinta e Dois ou o 38 legítimo. Os que não podiam porque o dinheiro era pouco, compravam uma faca de mesa tipo SESAM. Essas facas eram de aço de primeira qualidade. Levadas ao rebolo, apontavam-nas e as amolavam até cortar cabelos. Costuravam uma bainha e saíam com ela na cintura. Em caso de perigo, sacavam-na e se defendiam.

O menino chegou à venda onde se achava o facinora, pediu o arroz, recebeu e pagou-o. Antônio para brincar com o menino disse:

— Dê-me cá o arroz.

O menino encarou-o firme dos pés à cabeça e negou:

— Não, meu pai está doente e tenho pressa.

Em resposta o bandido saca dum punhal e risca o papel, deramando o arroz.

Incontinenti o menino saca da faquinha e solta as tripas do miserável que expira ali mesmo. O menino desaparece em desabalada carreira rumo à casa do pai. Ao que se soube nada aconteceu ao menino, porquanto Antônio Matreiro era procurado pela Polícia há muito.

Marcos ia pondo Nestor a par dos acontecimentos enquanto subiam a serra para os lados de Curitiba. Nestor, ao contrário, escutava quieto e media em sua cisma a extensão das calamidades que haviam ocorrido e estavam ocorrendo. Se ele tivesse ficado em companhia deles,

que teria sido dele? Assim desconhecido das autoridades, fugira sem ter cometido crime algum, a não ser roubos sem importância, apenas para comer. Destes muito se penitenciara. Agora se considerava redimido pelo muito que sofrera e trabalhara. Se tivesse ficado ter-se-ia empedernido no crime. Rendia graças ao Criador na sua singela fé, de lhe ter posto no caminho aquele rosto de criança, pela qual se apaixonara e que se tornara o escopo de sua existência e o levava à remissão.

Cavalgando ao lado de Marcos cismava na estância e de como a encontraria. Bom homem o Neco Batista, seu feitor, mas nunca era o patrão. Perdido nessas cismas entra a falar a Marcos de como descobrira o local, as artimanhas com o sal para conquistar o gado selvagem.

O gado selvagem era um fato e as primeiras notícias que temos a respeito datam de 1702, quando Cristovão Pereira de Abreu arrematou da Fazenda Real por 70 000 cruzados um contrato para caçada de couros. Ao chegar aos campos do pinhais, local onde mais tarde seria fundada a cidade de Lages encontrou gado à solta. Um caçador de bois selvagens havia sido morto naqueles dias. Cristovão permaneceu ali alguns dias bastantes para arrebanhar vacas que, mais tarde, vendeu em Curitiba juntamente com uma tropilha de burros xucros.

Desse gado que vivia por aí às soltas, sem dono, Nestor aproveitou-se num trabalho árduo, diligente, hábil. Tinha por estímulo os olhos da bela cabocla. Porque a mulher tanto pode elevar o homem para o mais alto dos céus, como tem o condão, a malícia para atirá-lo nas profundezas do inferno. Dependendo tão só do modo como foi educada e como é recebida pelo homem por quem se apaixona. Se for recatada e assim for tratada, raramente vem a desmentir a confiança nela depositada. Se, no entanto enterrou o recato, perde com ele a vergonha e o respeito pelo homem e por conseguinte é capaz das maiores baixezas. Nestor não a queria como objeto, queria-a sim como mãe de seus filhos, como a rainha do lar. Por isso sua silhueta tão pura era o farol que iluminava seus dias, seus planos, seus afazeres.

Muitos trabalhos e decepções vieram povoar os dias do bandeirante anônimo. Corajoso dedicado com o sangue de jagunço a ferver-lhe nas veias, avançava sempre, sem recuos, a não ser os estritamente necessários. Foi alargando os seus domínios o que era facilitado naqueles tempos.

Contava ele a Marcos agora a paciência, os rodeios para encurralar as primeiras reses e marcá-las. O perigo em que se viu envolvido quando certa manhã quis laçar uma novilha brava, que já desafiara os mais peritos. Possuía já alguns peões. Um pinheiro desenraizara ao longo da encosta. Como não estivesse montado, quando a novilha o percebeu, apressou-se a correr para o cavalo, era tarde, porém. Correu em zigue-zague e foi o que lhe valeu. Dizem que o boi corre de olhos fechados e a vaca ou novilha de olhos abertos, motivo por que é mais difícil escapar-lhes. Mesmo despistando a novilha ele se viu perdido. Teve então uma idéia salvadora, porque o diabo em apuros come até moscas. Sempre correndo em zigue-zague, perdendo distância, conseguiu alcançar o pinheiro caído. Saltou por cima. A novilha encanizada saltou também e percebeu-o. Como era lançante custou a frear e voltar. Essa contingência permitiu a

Nestor saltar de volta o que ele conseguiu num salto magistral. A novilha berrou de raiva e voltou, tentou o salto mais dois laços em rodilha a prenderam e obrigaram a entregar-se. Em sua fúria avançava no cavaleiro da frente o de trás esticava o laço e assim vice-versa. Com muito custo chegaram à mangueira. Recebeu o ferro em brasa, estava marcada. Nestor nascera de novo.

Havia dissensões entre os homens que se ofereciam para trabalhar na fazenda. Líder nato, intemorato, ele os enfrentava com a coragem do silêncio. Raramente elevava a voz. Seu olhar dominava os rancorosos. Deixavam suas rixas e cuidavam do trabalho. Só uma vez, porque desatendido, entre duas facas, que num abrir e fechar d'olhos voaram. Pegou os dois pelo pescoço, olhou firmemente nos olhos de cada um, soltando-os apontou para os cavalos que deviam montar para continuar o trabalho na fazenda.

No fim do dia vieram pedir-lhe desculpas. Sem dizer palavras entregou-lhes as facas e despediu-os. Mais tarde um deles precisou de um favor e Nestor como se nada houvesse havido pôs seus préstimos à disposição. Essa atitude nobre o fez tão respeitado que ninguém pensava em ofendê-lo.

Adquiriu também cavalos redomãos e xucros, entre eles se destacava um belo exemplar de cavalo mouro. Nestor o queria para montaria. O cavalo era excessivamente bravo e os melhores domadores após espetaculares rodadas e quedas o deixaram em paz. Nestor não quis tentar a sorte. O cavalo foi votado ao esquecimento. A notícia correu.

Certo dia, eis que se apresenta na fazenda um amarelinho, caboclo da gema. Menino de seus dezessete anos, mas que aparentava apenas doze ou treze no máximo. Disse que tinha vindo para montar o cavalo mouro. Nestor a princípio negou-se a dar licença. Se os melhores domadores haviam desistido de domá-lo iria o pichote fazê-lo. O pichote entretanto insistia. Um dos domadores presentes passou-lhe uma rasteira à queima-roupa. O pichote saltou por cima da perna e a cabeça voou para o meio das pernas do homem que tentou em vão se firmar e caiu estatelado da violenta cabeçada. Feito isso, pôs-se em guarda. Nestor olhou para seus homens que riam e bastou para que soubessem que desaprovava a luta. Gostou da agilidade do rapaz e mandou buscar o cavalo. Por espaços ficou olhando o belo animal e o pálido rapazelho.

O animal muito a custo deixou-se encilhar. Nestor ainda estava indeciso. Parecia haver qualquer coisa errada no ar. Por fim admitiu que Miguel o montasse. Tomando as rédeas, de um salto ganhou o lombilho, enquanto o mouro ensaiava os melhores corcovos para alijar a carga incômoda. Quis por toda lei cavalgar dar com o cavaleiro em terra. O ágil garoto estava mais agarrado do que mico em galho de pau. Em sua resistência estava a sofrer os coices, os pulos, os corcovos, as quebradas bruscas, as passarinhadas. Deu uns saltos na mangueira, depois atirou-se campo a fora. Cada vez mais bravo, pois aquela carga, estava como que amarrada ao seu dorso. Quando percebeu que o tipo era mesmo de doer, atirou-se como uma bala em direção à mangueira. O moleque ao dar conta do que ia acontecer, caiu fora, de pé, no exato momento em que a

cabeça do cavalo sofria o impacto com o moirão. Do choque resultou a cabeça rachada, caindo exangue.

Acorreram os peões e o próprio Nestor. Era tarde, o cavalo estrebuchava nas vascas da agonia e morreu. O infeliz domador ajoelhou-se aos pés de Nestor, provocador que fora da involuntária cena. Condoído, apesar de ter perdido tão belo espécime, Nestor levantou o jovem, gabou-lhe a destreza e falou que não seria o último belo animal que possuísse. Viriam outros. Desculpou o rapaz que se foi sem nunca mais voltar.

Referiu-se ainda a outros animais que possuía, das vacas criadeiras, dos bezerros e falava em comprar um touro de raça para melhorar o rebanho. Marcos escutava enlevado a prosa do moço. Sentia desejos de ver quanto antes a estância levantada do nada em apenas cinco para seis anos de trabalho penoso. Desejava ver o local onde ia residir a filha pela qual sentia orgulho de pai. Sentiu a saudade doer-lhe na alma, ao lembrar que em quase igual tempo levantara o que hoje possuía com ajuda dos filhos e de Elisa, a qual não media sacrifícios. Recordou por instantes as cenas de regresso do além por parte de Antoninho. Lembrou a Nestor que o caso de fazer promessas só é bom quando cumpridas em vida, caso contrário, é o mesmo que meter-se em camisa de onze varas. Deixando de cumpri-las, só restava ao suplicante voltar e rogar para que fossem cumpridas. Desta sorte poderia então desfrutar o descanso eterno. Estavam nessas conversas quando entraram na Estância das Araucárias. Imponentes pinheiros festejavam-lhes a entrada, justificando o nome.

C A P Í T U L O X

— Daqui a uma hora chegaremos ao local onde quero levantar a casa da fazenda. É um local muito bonito, no alto da coxilha. Em baixo passa um ribeirão. Aproveitei as águas para mover um monjolo. Assim tenho a farinha de milho que é de grande "sustança". Ao mesmo tempo tenho comida melhor para o meu pessoal de trabalho. De vez em quando carneio uma rês, de sorte que temos carne com fartura. Para os dias de festa na estância degolamos um carneiro... é uma carne saborosa. Duas vezes por mês um peão desce à vila de Curitibaanos de onde traz um carregamento. Talvez sua vida lá seja diferente da que levo aqui?

— Não. Acredito que talvez não tenha roça como nós?

— Tenho. Tenho muita roça, disse com ênfase Nestor, colho batatas paraguaias (inglesas ou batatinhas) batatas doces, abóboras, mocangas, melões, melancias, feijão e milho. Para este último tenho fregueses que devem ser espantados e mesmo mortos a tiros. São os macacos (*cebus macrocephalus*) e os bugios ou monos (*alonata guariba*) barbados. Os ladravazes além de comer o milho, amarram as socas e trançam-nas ao pescoço e somem na mata. Para serem surpreendidos roubando é preciso que o roceiro seja bem mais esperto do que eles. Caso contrário, nada feito. Enquanto descem à roça, deixam no mais alto tronco da redondeza um vigia. Este a qualquer movimento suspeito dá o alarme. Num abrir e fechar de olhos o bando desaparece.

Se acontecer que o vigia não percebeu o inimigo e um tiro ecoando na solidão surpreende a roubalheira, então, coitado do atalaia.

O incauto guarda guincha, queixa-se arreganha os dentes, mas apanha. Toda turma acha-se com direito de desforrar-se do susto e muito mais se um caiu vítima do tiro.

Se houver uma gralha nas imediações, neste caso desce toda a súcia. Sabem por instinto que a gralha denuncia qualquer presença humana. Podem surripiar a vontade. Alertas ao primeiro grasnar da gralha como advertência todos desaparecem num ápice.

Acontece que os peões, às vezes chegam a tempo de apreciar o movimento e gritam: O chico! mas que chico, a corja escafede-se e dentro em pouco reina a paz nas roças.

Bandos de papagaios, principalmente os maracanãs (ara maracana) e tirivas (Pyrrhura) trazem grandes prejuízos às colheitas de milho se não forem afastados a tiros ou ruídos.

Da mesma tática dos macacos usa o chupim (*Molothrus bonariensis*) célebre arranca-milho, conhecido de todos os lavradores. Um fica de vigia no alto de uma árvore à beira da plantação. Os demais descem à lavoura e iniciam o contrário do trabalho do lavrador, arrancando o que aquele plantou. Se surpreendidos por um tiro, sem o aviso da sentinela, todos a não ser os atingidos, tratam de safar-se. O desastrado vigia sofre as consequências. Todos se acham com direito de dar-lhe bicadas por seu desleixo.

Se, porém, nas imediações houver um bando de anuns (guira guira) neste caso descem todos. O anum percebe de muito longe a presença humana e disso o chupim está enfrornado, tanto que descansadamente executa sua faina de comer o que não plantou. Daí a perseguição que lhe movem os plantadores, que armam laços e quebra-cabeças para caçá-los.

Na cidade, o prendem em gaiolas para ouvi-lo dobrar e recebe o nome de sabiã-graúna, nome nobre demais para ave tão daninha.

Apesar dos percalços, trato uma porcada que é um exemplo de bicho bom. Fornecem carne, toucinho, banha e chouriço.

— Está certo, mas quem prepara tudo isso? indagou Marcos.

— Você falou bem. Mercê de Deus me aparece por aí a pedir esmola uma preta com três filhos. Fui logo dizendo que dinheiro não tinha. O que tinha de sobra era trabalho. Ela respondeu que trabalho era o que pedia, mas ninguém lhe dava por causa da cor. Se permitisse, executaria o trabalho da casa. Pode começar hoje. Foi um Deus nos acuda. Ela é sacudida e em pouco tempo o rancho tomou feições de casa. O lixo, a sujeira desapareceram. Tive de dar um jeito de acomodar as crianças. Hoje todos trabalham. Devagar se foram adaptando aos misteres da fazenda.

— A preta não é a Bertulina?

— Adivinhou...

— Ela é que perdeu o filho nas mãos de Tião Bento. Vai me reconhecer assim que chegar. É uma preta trabalhadeira.

— Muito, disse Nestor, nunca me falou nada. Está sempre triste e a vi chorar muitas vezes. Mas como não entro em detalhes com meus empregados, ajudo onde posso e é só. Impossível atender a tudo.

— Vanmicê parece mesmo de muito poucas palavras.

— Gosto de contar uma ou outra façanha desta vida de fazendeiro novo. No mais fico a apreciar o movimento e os acontecimentos. Tudo melhorou depois que a preta entrou na minha casa. Agora deixei a casa na conta dela e o Neco Batista a ele confiei a administração da estância na minha ausência. Foi o homem que me deu a mão e a quem ajudei a sair da miséria. Neco é trabalhador mas precisa de orientação, incapaz de pensar por si. Vamos ver como se encontra a estância quando chegarmos.

Se esse pessoal tivesse negado ao jovem jagunço o apoio ele nunca chegaria ao ponto que chegou. Neco Batista era dedicação extrema. Seus filhos deram o que podiam para a estância prosperar. Trabalho duro, aturado. Eram "pau para toda obra". Nas roças no campo, sempre prontos a ajudar no duro mister. Neco conhecia todo o gado.

Por outro lado tinha homens serradores de madeira, a qual já estava engradeada, secando para construir a casa grande. Dentro do campo, Marcos ia admirando aquele mundo verde, onde a brisa acariciava de leve colmos da relva. Uma rês que pastava desgarrada do rebanho numa curva do caminho, ergueu a bandeira e arrancou em desabalada carreira pelo campo ao aproximarem-se os quatro cavaleiros. Os meninos iam apreciando aquele mundo desconhecido. Marcos e Nestor, cansados do longo jornadas marchavam em silêncio. O próprio campo convidava à solidão. Subitamente foram despertados de suas cogitações pelos latidos de cães.

— Estamos chegando, Nero já vem ao meu encontro. É o melhor cachorro da matilha. Se ferra uma rês na venta ele a dobra por terra.

Dali a pouco o cachorro saltava sela acima a festejar a chegada do dono. Nestor sofreu o animal, apeou a fazer festas ao cão. Afagou-o e esperou a chegada de toda a matilha. Fez festas a todos e esperou o Totó que menor levou mais tempo a chegar. Montando novamente, trançou-o sobre o arção da sela e seguiram. Marcos admirou esse amor pelos devotados animais. Ao galgarem a colina próxima Nestor chamou a atenção de Marcos para o assunto da conversa anterior. Lá estava em sua crescente pujança a fazenda com mangueiras, paióis, casa de morada, monjolo e outras benfeitorias. Apenas a casa de morada surgia pequena de tudo aquilo. Num lago um bando de patos tomava banho naquela tarde de primavera. O vento punha zuadas nas grimpas dos pinheiros e nas ramagens dos capões. Marcos, Lino e Felício apearam em frente a casa de exíguas proporções.

Nestor já entrara cumprimentando a preta Bertulina, a qual costurava roupas para os filhos. Máquina Nestor já havia comprado numa de suas viagens a Canoinhas.

— Temos visita, D. Bertulina, vem aí um senhor comigo e quero que o trate bem.

— Olhe só o seu Marcos, disse erguendo-se do local onde estava. Correu em direção a ele e apertou-lhe efusivamente a mão. Como vai o senhor? Como passa a família?

— Todos passam bem e se soubessem que estava por aqui teriam mandado recomendações. Adivinhar é proibido.

Os dois jovens entraram e cumprimentaram-na respeitosamente.

Uma onda de curiosidade brilhou no olhar da preta. Mil interrogações brotaram da alma mas foram prontamente sufocadas.

— Conhece? perguntou Nestor, olhando fixamente.

— Oh sim! e as lágrimas brilharam por instantes na face da preta mártir. Ele me ajudou... e correu para a cozinha. Já refeita voltou-se para Nestor e perguntou:

— Que devo fazer? indagou, enxugando as lágrimas com a ponta do avental.

— Faça um bom revirado para a noite. Tasque fogo mesmo porque estamos com fome atrasada. Foi uma longa viagem. Apanhou uma garrafa de pequena prateleira a um canto e ofereceu um trago ao hóspede e aos moços.

Marcos encaminhou-se para a porta no intuito de desencilhar os animais.

— Não se preocupe com os animais, eles estão em boas mãos. Dirigindo-se a Bertulina: Ponha água para lavar as mãos. Diligentemente pôs água na gamela e Nestor ofereceu-a ao hóspede dizendo: Quero que se sinta tão bem em minha casa quanto me senti bem na sua.

Bertulina escutou as últimas palavras e tirou as suas conclusões. Todavia guardou silêncio. O patrão nunca se manifestara a respeito de suas viagens. Convinha não dar com a língua nos dentes.

— Enquanto esperamos pela ceia vamos dar uma volta e ver o gado na mangueira e a bezerrada no piquete, a não ser que queira descansar aqui.

Mesmo sentindo cansaço, ele preferiu deixar a casinhola e subir com seu anfitrião até à mangueira na próxima coxilha. Dali o espetáculo era diferente. Vacas mugindo, bezeros berrando às centenas. Esparsos pelo campo a perder de vista, várias tropilhas de gado pasciam tranqüilamente. Manadas de cavalos também relinchavam alegremente. À sombra dos capões descansavam vacas leiteiras, ruminando. Encantado com o espetáculo percebeu que também possuía animais cavалares e gado. Mas nunca como o dono desta estância. Uma pontinha de inveja brotou-lhe do íntimo, porém, logo a abafou. Possuía bons sentimentos o homem. Nestor chamou-lhe a atenção para um rebanho de ovinos que descia dum outeiro para o redil. Marcos, calado, ficou a admirar o rebanho que se aproximava.

Nestor dirigiu-se ainda aos homens que serravam a madeira para a casa grande. Falou com o chefe do serviço e ficou satisfeito por ver tão adiantado o serviço do madeirame.

— Para quando fica pronta a madeira?

— Se o tempo corrê bom o siô pode começá a casa dentro de quinze dia. Pois até lá as maderas empiada já está bem seca.

— Mas sem dúvida nestes quinze dias vai chover. Há mudança de lua. Se for dentro de um mês já estou contente. Tirou um cigarro de

trás da orelha e riscando um fósforo acendeu o papa-terra, tirando uma baforada indagou: As linhas já estão serradas?

— As vigas já estão serradas. Nós arrumemo elas debaixo daquele mundo de folhas de taquara. É perciso secá elas na sombra se não vai intortá tudo.

— Foi muito bom terem pensado nisto.

— Apois nós qué deixá as madeira pronta até aminhé. Engradiada como vai ficá, ela seca que é uma beleza. O tempo tá pra secá, corre um vento bom.

Nisto chegam o filho de Bertulina com o “amargo” e Lino e Felício.

— Olá! Viva! disse Nestor, como vai o peão número dois da estância?

— A bênção, patrão. Vai tudo bem. Tudo nós stamo com saúde.

— Deus te abençoe, continuou Nestor, enquanto recebia a cuia que o negrinho oferecia gentilmente, sem acanhamento. Lino ofereceu a água fervente e o chimarrão foi degustado com gosto pelos quatro. Os homens terminaram de serrar umas vigas. O pretinho voltou para casa.

Estavam nesta quando chega um peão. Vai-se aproximando com aquele jeito cauteloso e pára a uns metros sem saber se avança ou não.

— Como vão as coisas, Benedito?

— Amodeque vai tudo bem. Já limpamo todas as roça.

O trabalho de limpeza das roças consistia em cortar com o facão certos brotos de cepos que teimavam em crescer e arrancar certa erva “gorda”. Terreno livre de inço, proporcionava bem pouco trabalho.

— Deu argum trabaio. Fizemo folgadamente, adespois ficamo trabaiano na fazenda. Deu bichera no Barroso e o Manuelino pealou o bicho. Nero segurou-o pelas ventas até que o atamos. Fizemo o curativo e ficou bom.

Enquanto o peão falava, Nestor passou a cuia do “amargo” para Marcos. Com um gesto de agrado Marcos recebeu a cuia e deu aquela chuchada.

Conversaram ainda sobre outros problemas da fazenda, melhorias em vista e outras mais, quando uma negrinha veio chamá-los para a ceia.

— Para a mesa só se chama uma vez. Venham todos hoje, mesmo que ainda seja cedo, porque hoje temos visita e quero que todos estejam ao redor de minha mesa. Passou a cuia ao chefe dos serradores, deixou com eles a chaleira e caminhou com Marcos e os filhos em direção a casa. Os da madeira não demoraram.

Nestor entrou em casa conversando com Marcos sobre a porcada e o lucro que dali advinha no próximo ano. Tinha na medida do possível inspecionado tudo. O restante lhe seria informado pelo capataz-chefe Neco Batista com quem possivelmente se encontraria no dia seguinte.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

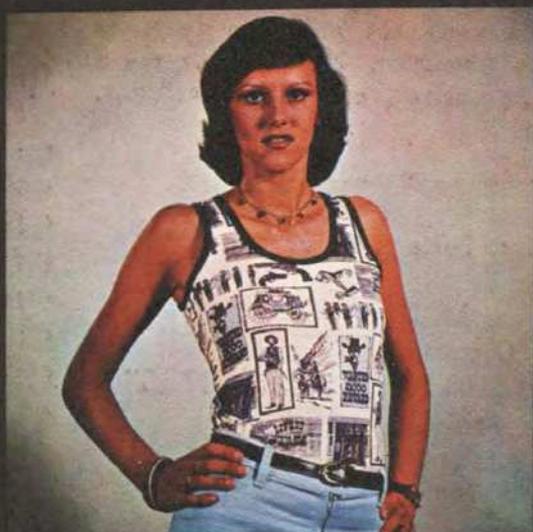
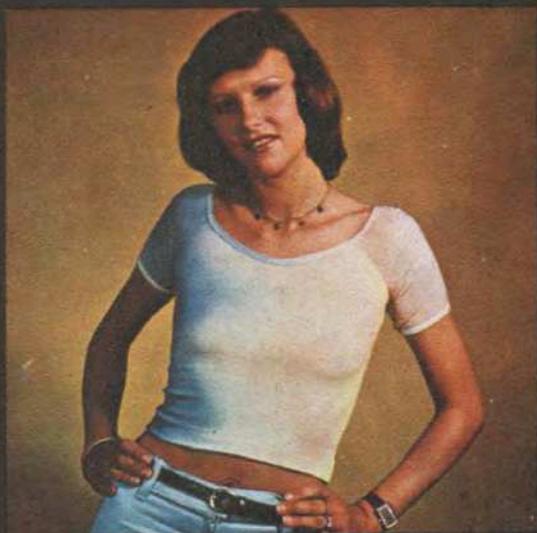
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

HERING NO ANO TODO



As Malhas Hering são coloridas e alegres como a primavera. Flexíveis, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão...

Cortes perfeitos, em todos os tamanhos, afastam o tédio e a tristeza dos dias outonais...

De puro algodão com fio

penteados, aquecem carinhosamente no inverno.

Passo o ano todo com Malhas Hering...

 **malhas Hering**
A malha jovem.

